



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ESTEREÓTIPOS, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM AMBIENTES DE LAZER NOTURNO: PERCEÇÕES, EXPERIÊNCIAS E IMPACTO EM JOVENS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Bruna Ferreira de Almeida Alves Viatico

Porto, Maio de 2025



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

ESTEREÓTIPOS, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA DE GÉNERO EM AMBIENTES DE LAZER NOTURNO: PERCEÇÕES, EXPERIÊNCIAS E IMPACTO EM JOVENS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa

para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano-

Trabalho efetuado sob a orientação de Prof^ª. Dra. Cristiana Vale Pires

Bruna Ferreira de Almeida Alves Viatico

Porto, Maio de 2025

Agradecimentos

Obrigada à minha professora orientadora, Cristiana Vale Pires, pelo acompanhamento atencioso sem tirar autonomia, por valorizar o meu pensamento crítico e por confiar nas minhas competências.

Obrigada aos meus maiores amigos, Sky Santos, Eli Lourenço, Adri Silva e Miles Teixeira, pelo apoio ao longo dos anos e pela força que me deram para continuar o meu percurso.

Obrigada a Filipe Catarino, que acreditou em mim mais do que eu alguma vez consegui. Agradeço o seu amor e cuidado atencioso, e o acrescento que trouxe à nossa aprendizagem conjunta no percurso universitário.

Obrigada à minha mãe, que me deu oportunidades de educação às quais muitos não têm acesso. Obrigada pelas “armas” que me deu para a vida, e pelo seu amor e aceitação.

Por fim, obrigada às pessoas participantes, pelos contributos ricos e diversos que trouxeram, prontas para pensar e partilhar reflexões profundas e críticas.

Lista de abreviaturas

ALN - ambiente de lazer noturno

HC - homens cisgênero

LGBT+ - comunidade de pessoas lésbicas, gay, bissexuais, transgênero, e outras identidades de gênero e sexuais marginalizadas

MC - mulheres cisgênero

SPA - substâncias psicoativas

TNB - pessoas trans e não-binárias

VG - violência de gênero

Glossário

Cisgênero / cis - pessoa cuja identidade de gênero se alinha com o que lhe foi atribuído à nascença e que não experiencia incongruência de gênero.

Gênero não binário - pessoas cuja identidade de gênero não se alinha com nenhum dos gêneros binários de homem e mulher e que, portanto, identifica o seu gênero como estando entre o contínuo de identidade entre esses pólos, ou fora desse contínuo.

Queer - termo abrangente que engloba qualquer identidade sexual ou de gênero considerada não normativa no momento sociocultural em que a pessoa se insere.

Transgênero / trans - pessoa cuja identidade de gênero é distinta do gênero que lhe foi atribuído à nascença, sendo que experiencia incongruência de gênero. Pessoas de gênero não-binário podem ser consideradas uma subcategorização deste grupo.

Resumo

Este estudo pretendeu explorar as experiências, perceções e opiniões de jovens (18-24) residentes em Portugal sobre estereótipos e violência de género (VG) em ambientes de lazer noturno (ALN), bem como o impacto dessas experiências e perceções no seu bem-estar. Procuraram-se, também, diferenças em função do género. Este estudo procurou contribuir para o desenvolvimento de um corpo de literatura consciente de dinâmicas de género, respondendo a lacunas na investigação sobre VG em ALN com a inclusão de géneros diversos.

Para responder ao objetivo principal foi utilizada uma metodologia qualitativa. Foram implementados três *focus groups* e uma entrevista coletiva (n=14). Os grupos de jovens foram divididos por género, entre mulheres cisgénero, homens cisgénero e pessoas transgénero e não binárias. Os resultados permitiram delinear as perceções, experiências e impacto de VG em jovens em Portugal, concluindo-se que existem diferenças nestas vivências em função do género. Foram identificados estereótipos de género, mitos da violação e de consumo de SPA correntes que as pessoas participantes consideram que justificam e propulsionam a violência, bem como necessidades e práticas contra a VG consideradas relevantes pelas pessoas jovens.

A intervenção preventiva na VG deve, portanto, desconstruir sistémica e estruturalmente as crenças e estereótipos de género na base de atitudes e comportamentos violentos, e práticas remediativas devem responsabilizar agressores e observadores, bem como envolver os ALN, os seus trabalhadores e promotores.

Palavras-chave: Ambientes de lazer noturno, violência de género, mitos da violação, substâncias psicoativas, intervenção e prevenção da violência de género

Abstract

This study aimed to explore the experiences, perceptions, and opinions of young people (18-24) living in Portugal about gender stereotypes and gender-based violence (GBV) in nightlife environments (NLE), as well as the impact of these experiences and perceptions on their well-being. Differences based on gender were also sought. This study aimed to contribute to the development of a body of literature that is aware of gender dynamics, responding to gaps in research on GBV in NLE which does not include diverse genders.

To respond to the main objective, a qualitative methodology was used. Three focus groups and a collective interview (n=14) were implemented. The groups of young people were divided by gender, between cisgender women, cisgender men and transgender and non-binary people. The results allowed us to outline the perceptions, experiences and impact of GBV on young people in Portugal, concluding that there are differences in these experiences depending on gender. Current gender stereotypes, myths about rape and the use of drugs were identified - which participants consider to justify and promote violence - as well as needs and practical initiatives against GBV considered relevant by young people.

Preventive intervention in GBV must therefore systemically and structurally deconstruct gender beliefs and stereotypes that underlie violent attitudes and behaviors, and remedial practices must hold perpetrators and bystanders accountable, as well as involve NLE and its workers.

Keywords: Nightlife environments, gender based violence, rape myths, psychoactive substances, gender based violence prevention and intervention

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Papéis e estereótipos de género em ambientes de lazer noturno	2
Sexismo e violência de género em ambientes de lazer noturno.....	4
Impacto de Violência de género no bem-estar.....	6
Método	7
Fundamentação do método.....	7
Objetivos específicos.....	8
Amostragem e descrição da amostra.....	8
Procedimentos de recolha de dados.....	9
Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	9
Apresentação e discussão de resultados	10
Conclusão	29
Referências Bibliográficas	34
Anexos	44

Introdução

A presente dissertação decorre no âmbito do Mestrado de Psicologia, com especialização em Psicologia da Educação e do Desenvolvimento Humano, da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, e integra-se no projeto CRISSCROSS, cofinanciado pelo programa CERV da Comissão Europeia, e coordenado nacionalmente pela associação Kosmicare (*grant agreement* nº 101096707). Este projeto tem como foco os estereótipos de género, perceções e experiências de violência de género (VG) em ambientes de lazer noturno (ALN) entre jovens na Europa (18-24 anos). A presente dissertação procura dar visibilidade às perceções, experiências e impacto de VG em mulheres (MC) e homens cisgénero (HC), e jovens transgénero ou com identidades não-binárias (TNB) residentes em Portugal - procurando diferenças de experiências e perceções entre géneros - bem como identificar prioridades de intervenção em VG em ALN.

Violência de género é um termo que abrange atos de abuso com origem em dinâmicas de poder e de género desiguais e sistémicas. Corresponde a uma violação dos direitos humanos, com base na discriminação contra a mulher e outras identidades de género marginalizadas. Engloba atos de violência que tenham por base o género da pessoa alvo que resultem em sofrimento físico, psicológico, sexual ou económico, incluindo a ameaça da violência, a coerção e a limitação da liberdade consoante o género (Conselho da Europa, 2011). Violência LGBT-fóbica também pode ser incluída no conceito de VG (Pires et al., 2024). A vitimação por VG impacta desproporcionalmente mulheres (Plaza et al., 2022) e, atualmente, estudos qualitativos sobre VG em Portugal não procuram a diversidade de género, invisibilizando as experiências de pessoas TNB, que também são mais frequentemente alvos de violência sexual e de género (Sasha et al., 2023).

A literatura reconhece a prevalência de violência em ALN, tendo estes ambientes vários estímulos que aumentam a probabilidade de ocorrência de VG (Calafat, 2010; Pires et al., 2018). No entanto, é importante mencionar que a VG não ocorre devido ao consumo de substâncias psicoativas (SPA), devendo-se primariamente aos papéis de género hegemónicos e às pressões sociais associadas a estes contextos de lazer (García et al., 2018). O consumo de SPA em ALN está intimamente ligado a questões de género - por exemplo, com maior incidência entre mulheres e indivíduos transgénero e não-binários, o consumo tende a ser acompanhado de comportamentos de autoproteção para evitar a violência (Balasch et al., 2018; García et al., 2018) e, entre mulheres, o consumo deve ser controlado de forma a

manter um comportamento socialmente aceitável (Griffin et al. 2013; Pires, 2023). Tendo em conta a popularidade de ALN entre jovens, o consumo de substâncias associado a estes espaços (Lomba et al., 2011) e a normalização da VG nesses locais (Plaza et al., 2022), a investigação sobre os fenómenos mencionados é valiosa para a prática psicológica. A VG pode ter impactos na saúde a curto e longo prazo, incluindo na saúde psicológica (APAV, 2010; O’Callaghan et al., 2018). É essencial que todas as pessoas profissionais de Psicologia reconheçam esses impactos, considerando-os na sua prática de forma responsiva e integrada. Apesar da importância de resposta a VG remediativa, (re)conhecer dinâmicas de género hegemónicas e sensibilizar as pessoas jovens para as mesmas constitui um aspeto central na prevenção de VG, e que é um tema amplamente ignorado na educação sexual formal em Portugal (DGES, 2019). A preocupação com a prevenção de violência aumenta face aos seus efeitos cíclicos - VG condiciona o bem-estar das pessoas vítimas, por sua vez afetando a sua educação e o envolvimento profissional, e vice-versa (Agbaje et al., 2021). É, portanto, imperativo intervir no problema-raiz - estereótipos de género hegemónicos - promovendo o desenvolvimento pleno de todos os indivíduos (OPP, 2017).

Assim, esta dissertação irá explorar experiências e perceções de estereótipos e VG em ALN entre quatro grupos de jovens (18-24 anos) residentes em Portugal - divididos entre mulheres cis, homens cis, e pessoas trans e não binárias - bem como o impacto desta problemática no seu bem-estar, e prioridades de intervenção e prevenção de VG. Diferenças entre os géneros em todos os objetivos foram procuradas.

O presente projeto é constituído por um enquadramento teórico consoante a revisão de literatura, seguido do método e a sua fundamentação. O método engloba os objetivos específicos, descrição da amostra e processo de amostragem, e informação relativa à recolha e análise de dados. De seguida, serão apresentados e discutidos os resultados e abordadas algumas considerações finais, seguidas pela lista de referências bibliográficas e anexos.

Enquadramento teórico

Papéis e estereótipos de género em ambientes de lazer noturno

Segundo a Teoria da Socialização de Género (Fagot et al., 2012), o conceito de género deve ser abordado enquanto um construto, cingido ao tempo histórico, político e cultural em que é conceptualizado. Normas de género correspondem a um conjunto partilhado de regras

de uma determinada sociedade ou grupo, que determinam qual é o comportamento normal e aceitável - ou não - para cada género (Cislaghi & Heise, 2018). Masculinidade e feminilidade são definidos de forma binária em função do sexo biológico, atribuindo-se-lhes papéis específicos. Estes são aprendidos formal e informalmente através da família (Leaper, 2014), grupos de pares (Hanish & Fabes, 2014), *media* (e.g., Haris et al., 2023; Layman, 2020), e outros meios. Conseguimos compreender que estes ideais impedem a igualdade de género, incluindo em Portugal (Cabrera, 2021), servindo para justificar a construção e manutenção de uma sociedade patriarcal (Plaza et al., 2022). Perspetivas biodeterministas e hegemónicas consideram que diferenças entre homens e mulheres existem intrínseca e objetivamente - e.g., a conceptualização do feminino como mais submisso e fraco, e da força, dominância e poder como atributos da masculinidade - defendendo que estas diferenças validam a hierarquização dos géneros (Ho et al., 2021).

São criados duplos padrões de género, que criam diferentes avaliações dos mesmos comportamentos consoante o género, sendo adotada uma postura crítica e controladora da expressão de género, principalmente da mulher (Plaza et al., 2022). Assim, no que diz respeito à vida de lazer noturno, apesar do aumento recente da presença de mulheres em ALN e do seu consumo de SPA crescente (Balasch et al., 2018), a simples participação da mulher na esfera pública não traduz igualdade real. Por exemplo, este aumento da presença feminina foi acomodado através da instrumentalização da sua sexualidade para maximização de lucro (Gunby et al., 2017; Pires et al., 2018), e o autocontrolo sexual e no consumo são exigidos na performance de feminilidade em ALN, sendo estas vivências sujeitas a moralização genderizada (Aspillaga et al., 2023; Pires, 2023). Apesar do muito maior impacto de estereótipos de género em mulheres, estes afetam todos os indivíduos da sociedade (Bridges, 2022; Grave et al., 2020; Plaza et al., 2022). Estes estereótipos levam a concepções de género opressivas que penalizam qualquer forma alternativa de expressão e identidade de género, e de vivência da sexualidade (Haywood et al., 2017; Pires, 2022). Constitui-se uma hierarquia de género abrangente e que pode ser independente do sexo. Por exemplo, entre homens gay, a divisão entre o indivíduo “ativo”, que penetra o parceiro e o indivíduo “passivo” pode servir para identificar o parceiro a ser categorizado como feminino e a submeter (Grave et al., 2020).

Observamos então, no modelo atual da sociedade, incluindo em ALN, a exigência social de conformidade com papéis de género hegemónicos, que impõem controlo sobre todos, sendo que a conformidade com estas perspetivas também se correlaciona com maior probabilidade de aceitar e perpetrar coerção e violência sexual (Eaton & Matamala, 2014).

Sexismo e violência de gênero em ambientes de lazer noturnos

A VG é estrutural e sistemática e, mesmo assim, continua a ser trivializada, impondo controlo sobre as mulheres e a sua participação na esfera pública (Sottomayor, 2015). A VG em ALN é altamente normalizada - as dinâmicas de gênero desiguais que temos vindo a apontar têm lugar aqui, não sendo estes contextos neutros. Por exemplo, em ALN, algumas práticas sexistas são consideradas mais aceitáveis do que noutros contextos (Pires et al., 2018; Plaza et al., 2022; Vaadal, 2019). As desigualdades de gênero tendem a ser agravadas nestes ambientes, sendo em alguns casos promovidos pelos espaços de lazer (Gunby et al., 2017). A imposição de *dress codes* sexistas, a divulgação de músicas com conteúdo sexista ou práticas como permitir que mulheres não paguem bebidas alcoólicas - servem para que o espaço seja alterado em função do desejo de homens heterossexuais, normalizam VG e penalizam a participação de mulheres e pessoas TNB em ALN (Plaza et al., 2022).

Através de experiências anteriores e narrativas caucionárias ecoadas repetidamente em diversos meios de comunicação, é incorporado um medo intenso de violência sexual entre pessoas com socialização feminina (Pires et al., 2024). Violência sexual pode ser definida como “qualquer conduta indesejada verbal, não-verbal ou física, de carácter sexual, tendo como objetivo violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando esta conduta cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo” (Conselho da Europa, 2011, p.14). Alguns tipos de violência sexual incluem violação, comentários sexualizados indesejados e insistência para contacto sexual (Plaza et al., 2022). Mulheres consideram que a vitimização sexual é uma experiência expectável nas suas saídas à noite (Pires et al., 2018), associada a sentimentos de ansiedade e medo que criam restrições à sua participação em ALN - criam-se estratégias de autodefesa, como alterar o caminho para ir para casa ou evitar áreas pouco iluminadas (Plaza et al., 2022). Enquanto indivíduos trans e não-binários também apresentam estes comportamentos e medo, homens tendem a afirmar que não o sentem, e que não adotam qualquer estratégia autoprotetora (Plaza et al., 2022).

No relatório *Sexism Free Night* (Plaza et al., 2022), foi analisado o gênero da pessoa perpetradora de violência sexual observada em ALN pelas pessoas participantes. Concluiu-se que 87.7% das pessoas agressoras eram aparentemente masculinas e 80.5% das pessoas vítimas eram aparentemente femininas, o que pode contribuir para a despreocupação quanto à violência sexual entre homens. Homens consideravam ter níveis de violência baixa e infrequente, o que pode indicar dificuldade na identificação da perpetração de VG (Plaza et

al., 2022). A violência sexual afeta a maioria de mulheres e raparigas, mas também impacta pessoas LGBTQ+ desproporcionalmente, tendo estas maior probabilidade de vitimação sexual quando comparadas com pessoas cisgênero e heterossexuais (Coulter et al., 2017; Sasha et al., 2023). Isto pode ser explicado pela combinação única de percepções sociais deste grupo: ainda que seja estigmatizado, também tende a ser alvo de hipersexualização (HRC, 2017). No entanto, não se devem desconsiderar vítimas masculinas, também impactadas por papéis de gênero hegemônicos que podem culminar em violência sexual (e.g., a expectativa de que qualquer homem deve aceitar qualquer oportunidade de cariz sexual) (Stern et al., 2015).

O consumo de substâncias surge associado à VG em ALN, não só por poder ser utilizado para facilitar violência sexual, mas especialmente pelos duplos padrões de gênero associados ao consumo que tendem a penalizar as mulheres (Pires, 2023). Em situações de VG, o consumo de substâncias psicoativas como o álcool serve simultaneamente como um argumento de desculpabilização do agressor e de culpabilização da vítima que, na maioria dos casos, é mulher (Plaza et al., 2022). É esperado, desta última, uma maior contenção nos seus consumos e das suas vivências em ALN, de forma a que se proteja de possíveis ameaças, responsabilizando-a da violência que sofre (Plaza et al., 2022).

A prevalência de VG nestes contextos também pode ter por base as motivações das saídas à noite de jovens. Ambientes de lazer noturno são contextos privilegiados para o hedonismo, até de forma transgressiva de performatividade de gênero, permitindo-se alguns atos e práticas sexuais que seriam recriminados noutros contextos (García et al., 2017; Pires et al., 2018). Esta aceitação de comportamentos sexuais considerados impróprios constitui, para a comunidade LGBTQ+, um espaço seguro que possibilita expressões “transgressoras” de sexualidade e gênero (Pires et al., 2022), bem como o consumo de SPA para desinibição sexual (Afonso, 2019). Mulheres também podem utilizar o consumo como uma forma de libertação, por exemplo, de misoginia internalizada, que restringe a sua autodeterminação ao reproduzir valores opressores (Mutatayi et. al, 2022; Pires, 2023). Ou seja, não se deve problematizar o consumo de SPA nem a libertação sexual em ALN de forma indiscriminada. Histórica e atualmente, estas experiências constituem importantes canais que facilitam a expressão de identidade sexual e a libertação de papéis de gênero hegemônicos, especialmente para a comunidade LGBTQ+ (Afonso, 2019; Pires et al., 2022) e para mulheres (Pires, 2023). A VG ocorre apenas quando os avanços pela procura de prazer e libertação não são consensuais.

Impacto de Violência de Género no bem-estar

Ao nível físico, a violência de género pode ter claros impactos - lesões corporais, alterações no apetite, no sono, e na função sexual (APAV, 2010). Evitamento da intimidade sexual pode ocorrer, impactando também o desenvolvimento de laços sexuais saudáveis (Obeid et al., 2019). Sentimentos de medo, culpa, vergonha, desconfiança e hipervigilância são possíveis consequências da VG (APAV, 2010) e 17% a 65% de vítimas de violência sexual desenvolvem perturbação de stress pós-traumático (O’Callaghan et al., 2018).

Após um evento de VG, para além do desafio de recuperação, é necessário navegar a revelação a pessoas chegadas e a denúncia a autoridades. É estimado que apenas três em 100 mil casos de violação são denunciados (FRA, 2014), havendo uma grande discrepância entre vitimização e denúncia (Topping & Barr, 2020). Após a vitimação, a denúncia tende a ser adiada, ou não é feita de todo, por diversos motivos (Greenson et al., 2016), como por receio de vitimização secundária. Nestes casos, a vítima de VG é posteriormente sujeita a um novo trauma: pode ser recebida por familiares, autoridades ou profissionais de saúde com uma atitude de suspeita, podendo ser culpada, desacreditada e intimidada (Gravelin et al, 2019), intensificando a probabilidade de desenvolvimento diversos problemas de saúde psicológica (Ahrens et al., 2010). A tendência de focar as ações da vítima no momento da agressão é pejorativa para a mesma, e obscurece os atores relevantes - desresponsabiliza não só a pessoa agressora, mas também *bystanders* presentes durante a vitimização (Cinquegrana et al., 2018). A (não) intervenção destes últimos é influenciada por mitos da violação aprendidos - por exemplo, acreditar que certas mulheres “estavam a pedi-las”, ou que a violência foi causada por embriaguez, diminui a probabilidade de intervenção e aumenta a probabilidade de culpar a vítima e desculpabilizar a pessoa agressora (Burn, 2009; Cinquegrana et al., 2018).

A vitimização secundária pode levar à intensificação da internalização de mitos da violação, potenciando a autoestigmatização (Kennedy & Prock, 2018) - a vítima sente culpa pelo sucedido, compara-se a outras vítimas de situações “mais graves”, ou cria conceções negativas sobre si enquanto vítima (Greenson et al., 2016). O autoestigma, especialmente ao ser acompanhado pelo cariz normativo com que mulheres interpretam a VG em ALN, pode impedir que a vítima reconheça o que lhe aconteceu como sendo violência sexual (Pires et al., 2018; Reed et al., 2020), constituindo outra barreira à denúncia (Dardis et al., 2018). Face a homens vítimas de violência sexual, prevalece ainda a ideia de que “homem” e “vítima” são conceitos antitéticos, com base em ideais género hegemónicos - i.e., o homem é forte e

dominante (Ho et al., 2021) - e traz desafios específicos para os mesmos. Em estudos sobre homens heterossexuais vítimas de violência sexual (e.g., Delle Donne et al., 2018; Rundle, 2023), concluiu-se que barreiras à denúncia incluem dificuldade em identificar a violência, receio da reação social à revelação, e a própria vítima duvidar da sua masculinidade.

Após a denúncia, as decisões tomadas por autoridades também são influenciadas pela aceitação de mitos de violação (Hine & Murphy, 2019). Por exemplo, quando reportagens jornalísticas enquadraram agressores como “monstros”, distinguíveis de outros (Ricart & Garcia, 2023), isto pode levar a ceticismo por parte dos juizes perante a vítima (O’Hara, 2012), contribuindo para o seu silenciamento e invisibilização (EVABC, 2016).

Em suma, a VG cria exigências recorrentes para (potenciais) vítimas, que vão desde a antecipação de violência e adoção de estratégias de autoproteção, até à sujeição a respostas sociais estigmatizantes e barreiras à denúncia. Podemos compreender os ALN como contextos que ampliam dinâmicas de género hegemónicas socialmente construídas, onde se impõem e performam estereótipos e duplos padrões de género, que promovem a VG, que por sua vez impacta o bem-estar da vítima de forma longitudinal (Plaza et al., 2022; Pires, 2024).

Método

Fundamentação do método

O presente estudo seguiu uma lógica exploratória e qualitativa na recolha e análise de dados. Na literatura portuguesa recolhida sobre as questões a explorar, não é possível encontrar informação abundante sobre as experiências e vivências qualitativas de jovens face a VG em ALN, ou não há variedade no género dos participantes (e.g., Oliveira et al., 2005, que só inclui perspetivas de vítimas femininas). No relatório *Sexism Free Night* (Plaza et al., 2022), algumas secções incluem considerações qualitativas, mas estas não são o foco central. Apesar de análises quantitativas serem relevantes para caracterizar a frequência e outras características objetivas de VG, estereótipos e violência de género são questões complexas que só poderão ser adequadamente estudadas através de uma análise qualitativa, baseada na exploração aprofundada de perceções, sentimentos e opiniões relativas às mesmas.

Objetivos específicos

O objetivo principal desta investigação foi explorar as perceções e experiências de jovens em Portugal relativamente a estereótipos e violência de género em ambientes de lazer noturnos, bem como o seu impacto no bem-estar de jovens. Mais especificamente:

- (1) Identificar e explorar estereótipos de género e situações de VG em ALN junto de jovens em Portugal, e explorar diferenças em função do género
- (2) Explorar as perceções e opiniões de jovens em Portugal sobre estereótipos de género e situações de VG em ALN e explorar diferenças em função do género
- (3) Compreender o impacto no bem-estar que estereótipos e VG em ALN têm em jovens em Portugal e explorar diferenças em função do género
- (4) Explorar opiniões de jovens em Portugal sobre prioridades e iniciativas de intervenção e prevenção da VG em ALN, e explorar diferenças em função do género

Amostragem e descrição da amostra

A amostragem seguiu uma lógica não-probabilística e intencional, uma vez que nem todos os elementos têm a mesma probabilidade de pertencer à amostra, e progrediu através do processo *snowball* (Ritchie et al., 2013). As alunas envolvidas na investigação fizeram o primeiro contacto de divulgação e, posteriormente, foi pedido às pessoas recrutadas que divulgassem o projeto a outros indivíduos que preenchessem os critérios de inclusão. Isto foi especialmente útil para recrutar indivíduos de populações estigmatizadas, como pessoas TNB (Diemer et. al, 2018).

A amostra foi dividida em grupos em função do género: mulheres cisgénero (MC, n=5), dois grupos de homens cisgénero (HC1, n=2; HC2, n=3), e pessoas trans e não-binárias (TNB, n=4) (Anexo 4). Os critérios de inclusão passaram pelos participantes terem uma idade compreendida entre os 18 e 24 anos, e residência atual em Portugal. Considerando estes critérios, foi possível capturar um recorte das experiências e perceções de jovens em Portugal, não se excluindo pessoas imigrantes, que integram a vida social portuguesa. A incapacidade de comunicar verbalmente é identificada como único critério de exclusão, devido à necessidade de interação espontânea exigida na aplicação de *focus groups*.

As pessoas participantes foram compensadas pela sua colaboração (20€ por participante) e pelos seus gastos de transporte até ao local. Estas foram informadas verbalmente da finalidade da investigação, do anonimato e confidencialidade das suas respostas, assim como da possibilidade de não responder às perguntas. Foi preenchido, pelas pessoas participantes, um documento de consentimento informado (Anexo 2), e foi pedido o parecer da Comissão de Ética da Universidade do Porto, que foi favorável (Anexo 1).

Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dados foi realizada presencialmente através da dinamização de três *focus groups* (FG) - HC, MC, e pessoas TNB - e uma entrevista coletiva de homens cisgénero, assim categorizada devido à não comparência de vários participantes. A entrevista não foi excluída por ainda se reconhecer a pertinência dos dados nela recolhidos, repetindo-se o recrutamento para se incluir também um FG de HC. O recurso ao método FG é particularmente adequado para explorar aspetos variados de fenómenos sociais, permitindo o enfoque nos quadros de referência dos participantes em detrimento dos da pessoa investigadora (Acocella, 2012). Para além disso, estimula a discussão entre participantes, gerando *insight* que poderia não estar presente através de outros métodos (Litosseliti, 2007).

A dinamização das discussões, independentemente do género, foi realizada através da metodologia “elicitación” - o uso de imagens para gerar discussão, eliciando memórias, ideias e sentimentos profundos (Glaw et al., 2017). Entre os materiais, estão também imagens de títulos de notícias e resultados de estudos em função do género, que os participantes foram incentivados a comentar. Os métodos de estimulação da discussão foram intencionalmente desenhados pela equipa da investigação CRISSCROSS com excertos de texto ou imagens que serviram para identificar violência e estereótipos de género, e duplos padrões de género no consumo de SPA e expressão sexual (Anexo 6).

Procedimentos de tratamento e análise de dados

Esta fase da investigação consistiu numa análise temática do conteúdo decorrente dos três *focus groups* e entrevista dinamizados. As discussões foram sujeitas a gravações de áudio consentidas, que foram transcritas usando um guião de indicadores de especificidades

paralinguísticas no discurso (Anexo 3), para subsequente pré-análise (organização da informação) e codificação (recorte, enumeração e categorização), através do programa de análise de dados qualitativos NVivo versão 14 (Dhakal, 2022). A transcrição respeitou o anonimato assegurado às pessoas participantes através de códigos de identificação das mesmas (e.g., P1, P2...) (OPP, 2016), e evitou-se promover narrativas discriminatórias ao omitir menções pejorativas a identidades raciais específicas (APA, 2021; OPP, 2022). O tratamento de dados passou pela sua interpretação e procura dos temas mais discutidos, estabelecendo-se ligações entre temas e com literatura relevante (Franco, 2008). Os temas gerais (categorias de primeira geração) foram selecionados com base nos objetivos de investigação, que por sua vez foram baseados na literatura. Os subtemas e subsequentes categorias foram derivados dos dados, sendo a escolha de códigos orientada pelas narrativas mais prevalentes. A unidade de medida para cada codificação foi uma ideia completa, de forma a preservar a complexidade do conteúdo das discussões (Roller & Lavrakas, 2015). Pelo mesmo motivo, vários recortes foram sujeitos a codificação múltipla (Elliott, 2018). Houve, por fim, uma comparação qualitativa dos temas e perceções abordadas por cada grupo, permitindo analisar diferenças de perceções e experiências de VG consoante o género.

Apresentação e discussão de resultados

Através da análise da literatura e a partir dos objetivos de investigação da presente dissertação, foram criados quatro grandes temas: (1) Estereótipos de género em ambientes de lazer noturno; (2) Perceções e experiências de violência de género em ambientes de lazer noturno; (3) Impacto psicológico da violência de género em Ambientes de Lazer Noturno; e (4) Prioridades para intervenção na área de Violência de Género em ALN. A **negrito e sublinhado**, estão identificados os códigos de primeira geração, que correspondem aos temas principais supramencionados. Códigos de segunda geração são indicados a **negrito**, os de terceira geração, através do sublinhado e os de quarta geração, a *itálico* (Anexo 5).

Estereótipos de género em Ambientes de Lazer Noturno

Foi possível identificar padrões de **Estereótipos de género em ALN** (4, 263) consistentes entre todos os grupos. Este tema refere-se aos ideais e papéis socialmente normativos ou estereotípicos que as pessoas participantes identificaram relativamente aos

gêneros binários masculino e feminino. Foram codificadas crenças relativamente a estereótipos de gênero em ALN, quer as pessoas participantes concordassem com essas concepções ou não, sendo que ainda informam o enraizamento sociocultural destes ideais, independentemente da sua posição pessoal relativamente aos mesmos.

As expectativas associadas à masculinidade basearam-se em ideais de dominância e invulnerabilidade, e as expectativas associadas à feminilidade regeram-se por aspetos de fragilidade e inibição. Estas expectativas foram discutidas pelas pessoas participantes tanto num contexto social abrangente, como em relação a ALN e à participação livre nas mesmas, em especial relativamente ao consumo de SPA, interações sexualizadas e percepção de perigo.

Dominância e invulnerabilidade masculina

Dentro do subtema da **Dominância e invulnerabilidade masculina** (4, 177), destacou-se a ideia de que homens tendem a ter comportamentos de Violência e dominância social e sexual (4, 73), um estereótipo discutido por todos os grupos, que referiram a existência da expectativa de que o homem tome iniciativa e esteja sempre no controlo. Isto foi considerado perigoso por pessoas TNB e HC, pela possibilidade de incentivar a violência para afirmação da masculinidade. As pessoas participantes consideraram que homens tinham maior probabilidade de cometer não só violência sexualizada, mas também de agredir outros fisicamente, e que isto seria um comportamento expectável entre homens, especialmente em ALN. Apesar de ser algo percecionado como negativo, a dominância masculina estereotípica também se expressou positivamente entre MC e HC, através da percepção de que o homem tem o dever de proteger a mulher fazendo uso dessas características.

“Até nas bebidas, temos que ter cuidado [porque] podem colocar coisas, e temos que pedir aos rapazes que estejam connosco...” (P1_MC)

“Não sei se é porque eles acham que::: ficaram mais agressivos é tipo ...mais atraente ou coisa assim por causa da-, de outra vez dos filmes e das séries.” (P3_MC)

Em linha com a dominância associada à masculinidade, também se considerou que homens têm o privilégio da Invulnerabilidade à violência sexual (4, 31). Isto expressa-se numa ausência de medo e da sensação de necessidade de adotar comportamentos autoprotetores face a VG entre HC, em comparação com mulheres e pessoas TNB:

“Sim, lá está, é a questão de tanto à noite, seja numa discoteca, seja numa... Seja na rua, há sempre esse perigo e há sempre a questão de uma mulher nunca está a salvo e nunca pode descansar. Enquanto que um homem está livre da vida (...)” (P2_HC1)

Foi discutido o facto deste papel de dominância e invulnerabilidade emocional e sexual ter, na verdade, não o efeito de proteger contra a violência sexual, mas sim de inibir a identificação e partilha de experiências de vítimas masculinas, promovendo a sua estigmatização:

“E, se não- e depois disso, é o, é o ser alvo de chacota, não é? (...) É gozado. [M: Desvalorizam.] Sim. Sim. Isso não ajuda a que um homem se sinta à vontade para falar.” (P2_HC2)

A perceção de maior segurança associada à masculinidade não foi exclusiva ao sexo nem identidade de género masculinos - no grupo de pessoas TNB, prevaleceu a ideia de que, ao se apresentarem de forma masculina e “passarem” como homem cis, a sua perceção de segurança seria substancialmente mais elevada, especialmente quando a alternativa seria uma apresentação de género não-conforme, expondo simultaneamente transfobia:

“E isso também é uma coisa que eu, por exemplo, se me vestir de uma forma mais masculina, nunca, nunca me senti inseguro. (...) Quando tu és visto como um homem, (...) as pessoas não se metem. Ignoram.” (P1_TNB)

Todos os grupos centralizaram a sexualidade na vivência da masculinidade, e consideraram que homens têm principalmente Motivações sexualizadas para frequentar ALN (4, 14) - encontrar e conquistar parceira/o sexual.

“Lá está, os homens saem à noite para as discotecas para acasalar, então o consumo vai ser nesse sentido, também. Enquanto que as mulheres, não.” (P3_HC2)

Esta expectativa de dominância e de sexualidade elevada foi percecionada como promovendo, entre homens, o Consumo de SPA para aumentar a confiança sexual (4, 17), de forma a manter uma postura dominante e proativa, algo também associado à pressão sentida pelos homens de ter sucesso sexual:

“Mas, lá está, como o homem é sempre visto como dominante, também é o homem que tem de “caçar”, entre aspas. (...) então é o homem que tem de ganhar coragem. E certas drogas permitem mais, um relaxamento maior nesta questão.” (P2_HC1)

Homens cis e pessoas TNB alertaram para a pressão sexual sobre o homem - restrito a uma figura sexualmente agressiva, pode ter dificuldades na identificação da sua própria vitimação sexual. Segundo estes participantes, prevalece a crença de que o homem está sempre no controlo, e que o seu desejo sexual deve estar sempre presente, e portanto “tem de gostar” de qualquer interação sexualizada, especialmente se tiver a “oportunidade” de se envolver com alguém estereotipicamente atraente:

“Exato! Porque há muito aquela coisa de ‘Ah, eu tenho de gostar, porque é essa a minha expectativa!’. (...) lá está, o machismo, que lhes diz que eles têm que gostar. Eles têm que querer ser abusados por uma pessoa, se for socialmente considerada atrativa.” (P1_TNB).

Surge também a percepção da dominância masculina no tema de Possessividade e controlo sobre a mulher (4, 13), por exemplo, ao “marcar território” em situações de engate em ALN - *“Os homens vão para acasalar, quase, para... E, e a realidade é que, sinto que é este tipo de pessoas que vai para a discoteca e vai muito mais para situações de ciúmes, começam à porrada, sentem que têm de [marcar o território para se mostrar...]” (P3_HC2).*

A posse do homem sobre a mulher cria um duplo padrão de género na liberdade de aproveitamento de ALN, havendo uma desconfiança generalizada perante a participação independente das mulheres na cena noturna:

“(...) muitos homens que tenham a crença que tipo ah:::, as Mulheres que vão para a discoteca se namoram, é que vão trair o namorado.” (P5_MC).

A percepção de domínio sobre mulheres parece impactar a postura de homens relativa ao consentimento. Algumas MC afirmaram só sentir a sua rejeição de avanços sexuais respeitada quando já estão “tomadas” por outro homem, ao ponto de fabricar relações para afastar pretendentes insistentes:

“Ou então olha , ((risos)) vou só ter ali com meu namorado, tchau.” (P5_MC)

Comportamentos de dominância, agressividade e impulsividade masculina foram, por parte de todos os grupos, justificados através de Determinismo biológico (4, 11). Apesar de terem considerado mais frequentemente os aspetos de socialização, interpretaram estas características como tendo bases biológicas intrínsecas:

“A testosterona, deles... aumenta e <sim, sim, sim, sim>.”(P2_MC)

“Eu diria que a maior parte das violações são espontâneas, quase. Acho que sim, é só, no momento, estas... enquanto homem, tipo, horny [sexualmente excitado], esse tipo de coisas.” (P1_HC)

Em literatura recente, a correlação entre testosterona e promoção de comportamento humano violento é desafiada - conclui-se que o impacto hormonal na promoção da violência é dependente do contexto - um aumento de testosterona aumentará a intensidade e frequência de tentativas de manter o estatuto social (Dreher et al., 2016; Knight et al., 2022). A violência parece, então, ser promovida por um contexto social estruturado por dinâmicas de gênero hegemônicas, onde a agressividade é valorizada em homens (Ho et al., 2021). Para além disto, a correlação entre testosterona e violência em homens, apesar de positiva, é fraca, e em mulheres, não existe correlação significativa, expressando a importância do foco em fatores sociais (Geniole et al., 2020).

Relativamente ao subtema de **Fragilidade e inibição feminina** (4, 86), este expressou-se em expectativas controladoras da mulher. A fragilidade da mulher face a violência é um tema que surgiu recorrentemente em todos os grupos, atribuindo-se à mulher características de Vulnerabilidade e insegurança intrínsecas (4, 34), algo já identificado na literatura (Pires et al., 2024) sendo esta descrita como “presa” e “alvo fácil”:

“Portanto, se estiver sozinha, porque não tem tanto como se [defender e é um alvo muito mais fácil] e...” (P3_HC2)

“Pelo menos a questão da comparação de homens e mulheres cisgênero é óbvio a questão de o homem, sendo o grupo dominante, ou seja, naquela perspetiva de predador e presa, em que o homem é o grupo dominante e a mulher é o objeto a caçar e um...” (P2_HC1)

Em contraste com os homens, a sexualidade nas mulheres perde protagonismo, segundo os estereótipos identificados pelas pessoas participantes. Consideraram que mulheres, em geral, têm Motivações não sexualizadas para frequentar ALN (4, 13), focando-se mais em socialização platónica e diversão. Isto relaciona-se com as normas sociais que impõem uma vivência sexual recatada à mulher, exigindo-lhe Inibição e pureza (4, 14) (Pires, 2023). Até na linguagem vaga utilizada pelas participantes MC para se referir a sexo e sexualidade (e.g., “esse tema”) verifica-se que um discurso mais aberto poderia ir contra os papéis de gênero femininos:

“Eu não sei, quando bebo ou outra coisa qualquer, não tem nada a ver com...: pronto com esse [tema-], e nota-se que as Mulheres... é o mais baixo, não sei...” (P1_MC)

“(...) a mulher é exatamente inibida disso e ‘Não, não! Tu não vais, porque isso é nojento, tu és uma porca! Vais fazer o quê? Quê? Com dois homens, que nojo!’ Percebes? Enquanto o homem é ((bate palmas)) ‘Ganda cena!’ e tal!” (P3_TNB)

“É a questão de ‘a mulher tem de ser pura, a mulher é a vista do...’ a visão do homem de ‘a mulher é um prémio a caçar (...) E quanto menos pessoas conseguiram o ‘prémio’, melhor para mim, para o meu estatuto, porque, senão, é uma coisa que toda a gente consegue.” (P2_HC1)

Paradoxalmente, as representações sobre a “mulher ideal” incluíram também um certo nível de desinibição, que não seja “excessivo”, nem associado a consumos igualmente “pouco femininos” (Griffin et al. 2013; Pires, 2023). Esta idealização não coloca a mulher “demasiado” sexual como uma possível parceira séria, mas como um objeto a submeter e explorar. Por outro lado, uma mulher comprometida a um homem também deve cumprir o seu dever de o satisfazer sexualmente. Não se encaixando nesse ponto de equilíbrio, as mulheres correm o risco de serem avaliadas ou como promíscuas e degradadas, ou como frias e aborrecidas, como percecionado por participantes TNB:

“A procura de... Da mulher para casar e a procura da mulher para se divertir. Que procura a... uma objetificação da mulher que se é mais liberta, mais liberal, porque se querem divertir e não querem estar a passar por todo o processo de cortejar a pessoa! Mas depois não querem casar porque ‘Oh, meu deus, ela é promíscua!’” (P2_TNB)

O consumo de SPA, mesmo associado à sexualidade feminina, é visto como um comportamento a controlar, não só pela perceção de que o consumo torna as mulheres mais vulneráveis a VG, mas também por ser considerado moralmente degradante, algo apontado por todos os grupos. A Degradação associada ao consumo (4, 20) passa por considerar que as mulheres consumidoras se tornam mais desinibidas e sexuais - justificando a sua objetificação perante os olhos da sociedade, e diminuindo o seu valor e respeitabilidade (Pires et al., 2024).

“Sim, influencia muito. Eu lembro-me de ser pequenina, ter 12/13 anos e já ter rapazes nessa altura aí tipo a dizer que quando-, quando uma rapariga bebe, de repente já é mais fácil. <Dizer ‘as raparigas bêbadas são fáceis’>.” (P4_MC)

“(...) associada ao estereótipo da mulher contida, e quando as coisas não se associam ao estereótipo, deixam de ser normal (...) Uma mulher não devia ser assim (...) É selvagem.” (P2_HC1)

Perceções e experiências de violência de género em ambientes de lazer noturno

As **Perceções e experiências de violência de género em ambientes de lazer noturno** (4, 428) correspondem a experiências de vitimação diretas das pessoas participantes, ou experiências de VG que presenciaram, ou das quais tiveram conhecimento; e perceções sobre esta violência em ALN, como quem a perpetra e como ocorre.

Perfil da pessoa agressora

O **Perfil da pessoa agressora** (4, 229) foi frequentemente discutido, havendo um enfoque na Identidade de género masculina (4, 58) - este foi o aspeto mais referido ao descrever esta figura, sendo que as pessoas entrevistadas demonstraram conhecimento de estatísticas reais que apontam para uma maior prevalência de agressores masculinos (Plaza et al., 2022). Todas as pessoas participantes associavam a perpetração aos homens, um facto que apontavam entre risos, tanto pelo seu desconforto, como pela sensação de que estariam a afirmar o evidente:

“É o homem ((risos)).” (P3_MC)

“Sim, é sempre o homem. Sempre que há uma mão a fazer mal, é um homem! ((risos))” (P2_HC1)

As pessoas participantes procuraram diferentes justificações para homens constituírem a maioria de agressores sexuais, não só na biologia, mas principalmente através da compreensão de processos de socialização de género, que mais provavelmente estarão na raiz deste desequilíbrio (García et al., 2018).

“Infelizmente. Porque os homens não se... Por existir, não sei, uh... (4) Tanto biologicamente, como socialmente - biologicamente pelos níveis de testosterona::, que nos tornam mais violentos e assim - mas também pelo estatuto social que o homem tem na nossa sociedade, que faz com que lhe deram esse poder.” (P3_HC2)

As pessoas participantes também expressaram a impossibilidade de se atribuir características que criem um perfil específico de agressor. Referiram que este “pode ser qualquer pessoa” entendendo-se também a Perpetração como independente do gênero (2, 11):

“↑ *Homens podem violar homens, Mulheres podem violar mulheres* ↑” (P1_MC).

Esta percepção, apesar de correta, pela ambiguidade que traz, aumenta a sensação de que a figura agressora é onnipresente. Especialmente ao considerar o facto de maior parte das instâncias de violência sexual serem executadas por pessoas conhecidas (Ricart & Garcia, 2023), o medo da violência no dia-a-dia pode-se intensificar. As pessoas participantes, contrariando mitos da violação (i.e, o agressor é um estranho) (Pires, 2024; Ricart & Garcia, 2023), constataam que a Relação da pessoa agressora com a vítima (4, 29) pode ser de qualquer natureza. Ainda assim, considerar que o agressor tende a ser uma *Pessoa desconhecida* (4, 13) foi frequente, surgindo entre todos os grupos, especialmente entre MC:

“*É assim, na minha opinião, acho que (3) acontece com pessoas desconhecidas, mais do que com pessoas conhecidas (...)*” (P5_MC)

Foi um pouco mais referida a possibilidade do agressor ser uma *Pessoa conhecida ou amiga* (4, 16), incluindo um membro da família da vítima:

“*E isso é o que as... Qualquer mulher tem medo, qualquer pessoa ao teu redor, os teus amigos, a tua família, pode ser qualquer pessoa.*” (P2_HC2)

A crença de que a pessoa agressora tem um perfil identificável constitui um mito da violação (DiBennardo, 2018; O’Hara, 2012), o qual as pessoas entrevistadas demonstraram, em geral, tentar contrariar. Por exemplo, a Racialização da violência (4, 37) foi um tema bastante explorado. As pessoas participantes rejeitaram ideias racistas e xenófobas, afirmando que raça e etnia não se tratam de indicadores de propensão para a VG:

“*Atribuir a culpa aos imigrantes (...) funciona como um perigo para o racismo e xenofobia (...). E, por outro lado, também não é uma mentalidade que proteja as pessoas do país, porque também se está à espera que seja o imigrante e não o vizinho do lado.*” (P2_TNB).

Contudo, algumas MC também reconheciam os seus próprios vieses discriminatórios com base na raça e país de origem, afirmando ter um medo aprendido dessas populações:

“Mas, segundo a SIC notícias,((risos)) as últimas notícias é só isso ,>um homem do [país sul-asiático] fez isto<, >outro fez outro sítio<, ah:::,e de facto, quem só lê aquilo, acha que::: eles são todos assim.” (P3_MC).

A associação de determinados aspetos de carácter e personalidade à perpetração de VG foi mais considerada. Em particular, a Perceção de titularidade (4, 30) foi referida como uma característica que aumenta a probabilidade de cometer VG, prevalecendo a perceção de que os agressores são indivíduos que não estão habituados a ser contrariados ou a ter consequências para os seus atos, o que pode impedir o respeito do consentimento. Esta temática interage com a associação do género masculino à perpetração sendo que, segundo as pessoas participantes, homens desfrutam de uma liberdade comportamental (demasiado) abrangente:

“Podem não aceitar um não::: e ainda ficar [mais revoltados.]” (P3_MC)

“Eu sinto que, por uma questão da normalização da heterossexualidade, as pessoas sentem-se extremamente entitled, principalmente a female-presenting bodies.” (P2_TNB)

As pessoas participantes também evidenciaram a Impunidade face a consequências formais (4, 23) que é sentida pelos agressores. Sentem isto como um facto frustrante e expectável, que pensam ocorrer tanto pela dificuldade de denunciar a violência, como pela incompetência ou falta de poder de autoridades para responder de uma forma que os jovens considerem justa e satisfatória:

“Vais à polícia e reportas um caso de violência sexual e ficam ‘((risos)) O que é que me importa?’” (P2_HC1)

Talvez por nutrir algum tipo de identificação com as pessoas agressoras - sendo estas, na sua maioria, homens - alguns participantes HC também procuraram fazer uma distinção entre o “génio malvado”, que premedita atos de VG, e o “agressor acidental”, sem intenção de cometer nenhum tipo de afronta - Distinção entre a pessoa agressora malvada ou acidental (4, 25). A narrativa que VG decorre não intencionalmente alivia a condenação do agressor (Ricart & Garcia, 2023), colocando-o como alguém influenciado inconscientemente por mensagens sociais sexistas, como a desumanização da mulher:

“Sim, mas lá está, eu acho que é... Umm... Como é que eu digo isto? Eu acho que eles não fazem, tipo... Pelo menos, eu acho, que não fazem do ponto de vista malvado. É um bocado só... uma mulher.” (P1_HC2)

Em contraste, a violência sexual e de género partir de malícia ou intencionalidade foi uma possibilidade defendida por várias pessoas participantes, responsabilizando a pessoa agressora pelas suas perspetivas de género e pela sua autodeterminação no momento da VG:

“Eu discordo não ser um mal consciente (...) Agora, se eles querem saber, a questão é essa. (...) Tu olhas para uma formiga e tu pisas uma formiga, está tudo bem. Tu vês uma mulher, se a vês como objeto, está tudo bem.” (P2_HC1)

Surgiram também alusões à Justificação da agressão pelo consumo de SPA (3, 19). A justificação ou explicação de VG através da embriaguez da pessoa agressora foi apontado em todos os FG, sendo que o consumo contribui, simultaneamente, para a desculpabilização do perpetrador e para a culpabilização da vítima (Ricart & Garcia, 2023).

“Eu acho que é mais pelo álcool, de beber demasiado álcool, ficam agressivos e...” (P1_MC)

Perfil da pessoa vítima

Em comparação com as referências ao Perfil da pessoa agressora (4, 229), as menções ao **Perfil da pessoa vítima** (4, 88) foram bastante menos frequentes, evitando-se tentativas de “esmiuçar” as suas características e ações, contrariando mitos de violação que responsabilizam a vítima (Ricart & García, 2023).

Esta última figura era, em todos os grupos, considerada como sendo uma pessoa de Identidade de género feminina e queer (4, 26), especialmente mulher. As pessoas participantes sublinharam que ser mulher ou apenas ter uma Expressão visual feminina (4, 24) aumenta a probabilidade de se ser alvo de violência sexualizada ou LGBT-fóbica, sendo que uma expressão masculina é sentida como protetora:

“(...) E isso também é uma coisa que eu, por exemplo, se me vestir de uma forma mais masculina, nunca, nunca me senti inseguro. Agora, se eu for de uma forma um bocado

mais estereotípica de queer; se fosse, tipo, com crop top, por exemplo, aí eu automaticamente sinto-me muito mais inseguro” (P1_TNB)

Isto é corroborado na literatura, na qual se identifica que atributos interpretados como femininos podem promover tentativas de submeter pessoas com essas características, reproduzindo-se normas de género hegemónicas mesmo em situações em que mulheres não estão presentes (Grave et al., 2020).

O Consumo de SPA como promotor da vitimação (4, 38), especialmente em mulheres, é visto como algo que aumenta a sua vulnerabilidade já exacerbada. Assim, considera-se que existe, na mulher consumidora, uma perda de controlo que vai contra a etiqueta feminina de autoproteção (Pires et al., 2024). Identificou-se nas pessoas participantes o uso de linguagem que responsabiliza vítimas de VG consumidoras, como “dá” e “permite”. Sublinham, também, a dificuldade de identificar o consentimento sexual após consumo de SPA.

“Lá está, porque, quando bebe, fica mais desinibida e dá-se a conhecer, até às pessoas e permite o contacto mais fácil, mas depois, também... Têm menos controlo, porque se calhar não se consegue proteger tão facilmente.” (P3_HC2)

“Não sei até que ponto é que é consentido quando estamos alcoolizados ou não. Portanto:::, é sempre uma questão muito::: (3) complicada de-, de perceber o ponto em que sim, em que não?” (P1_MC)

Ambiente confuso e de desinibição como promotores de violência de género

Participantes de todos os grupos mencionaram os próprios ALN como promotores de VG, incluindo através do seu **Ambiente confuso e de desinibição** (4, 16). A sobre-estimulação - a música e luzes intensas e a sobrelotação em ALN que torna o contacto físico mais constante são considerados promotores de VG:

“Principalmente em discotecas, onde é tudo muito, toda a gente muito junta. É muito fácil escapar e <por a mão ali, pôr a mão aqui>, se alguma coisa na bebida:::, agarrar...” (P4_MC).

No que diz respeito à desinibição, participantes mencionaram a sua perceção de que, em ALN, tende a haver a sensação de que algumas regras de conduta não se aplicam, e que há

comportamentos que se tornam mais aceitáveis (Plaza et al., 2022). Pessoas TNB mencionam a centralidade da sexualidade em ambientes *queer* (Afonso, 2019; Pires et al., 2022) que, apesar de positivo, também é visto como tendo o potencial de promover situações de VG:

“Mas também pode ser visto pelo outro lado que é, muitas vezes em espaços alternos e espaços queer, as próprias pessoas dentro desse espaço sentem que, por estarem desinibidas, normalmente, do-, dos preconceitos de que são vítimas, sentem, ao mesmo tempo, que o seu espaço pessoal se expande, às vezes, até ao espaço pessoal dos outros.” (P2_TNB)

Para além disto, foi possível verificar a perceção de que as pessoas podem ter uma representação de boa conduta que se perde ao anoitecer, o que se pode relacionar com a maior aceitação social de práticas sexistas em ALN (Plaza et al., 2022):

“Sempre que há assim festas, há um risco, porque é muita gente e há sempre muita gente que, mesmo que se faça de boa pessoa no dia a dia, à noite tem intenções opostas ao que diz durante o dia.” (P1_TNB).

Aprendizagens sociais promotoras da manutenção de VG em ALN

O presente tema remete para aprendizagens sociais que promovem ou mantêm a ocorrência de atos violentos em ALN (4, 95) - crenças que as pessoas participantes identificaram na cultura ou que lhes foram transmitidas por sistemas sociais próximos.

A Normalização e silenciamento da violência sexual (4, 50) é mencionada por todos os grupos, que descrevem a expectabilidade e cariz trivial que a VG tem em discursos correntes. Esta violência é considerada expectável na vida de lazer noturna, impedindo uma participação livre da mulher em ALN (Pires et al., 2018):

“Sim, não se aprende tanto. [M: Que é errado, que é uma coisa errada?] Que a cena sexual é tão errada, é só uma coisa que ‘ah... não faças...’, mas, se fizeres... [M: Meio trivial, não é?]” (P1_HC1)

A perceção do assédio sexual como algo a desvalorizar também se verifica no silêncio face à violência, identificado por algumas pessoas participantes:

“Nós somos países altamente violentos. Portugal é um país, uh, diz-se que Portugal é dos países mais seguros do mundo - eu acho que Portugal é dos países mais calados do mundo! Não se reporta nada.” (P1_TNB)

De forma transversal, observou-se que as pessoas participantes demonstraram uma tendência para compreender a VG em ALN de forma integrada com o consumo de SPA, tanto para explicar comportamentos de violência, como para justificar a vitimização de pessoas consumidoras. Isto também se verifica mais explicitamente através da repetição de Mitos da violação e consumo de SPA (4, 45), em especial relativamente à submissão química e “drogas da violação”. A literatura apresenta resultados difíceis de navegar sobre a administração predatória de SPA (“*spiking*”, submissão química sub-reptícia). Alguma evidência aponta estas situações como tendo uma prevalência sobrestimada, tratando-se de um mito da violação (e.g., Weiss & Colyer, 2010), havendo também tentativas de equilibrar narrativas e realidades em relação ao *spiking* (e.g., Colyer & Weiss, 2018; Alonso et al., 2022). Alguns dados portugueses indicam que a violência sexual com presença de SPA ocorre mais frequentemente de forma oportunista do que premeditada (Plaza et al., 2022). Críticas ao enfoque no *modus operandi* da violência apontam o seu efeito de invisibilização e descentralização da violência em si (Ricart & Garcia, 2023).

Apesar dos dados empíricos não permitirem conclusões objetivas, e de vários jovens não terem tido qualquer contacto direto com este ato, as pessoas participantes tinham perceções vincadas sobre a prevalência de *spiking* em ALN, afirmando que é algo que ocorre muito frequentemente:

“Deve acontecer, tipo, todas as noites.” (P1_TNB)

“Eu conheço pessoas que já sofreram. Eu conheço uma quantidade relativa de mulheres, por exemplo, que já sofreram.” (P1_HC1)

Pontualmente, algumas pessoas participantes reconheceram também a prevalência da submissão química oportunista: *“E também há muita gente que quer-se aproveitar quando a pessoa está inebriada, quer seja álcool, quer seja drogas, porque já sabe que a pessoa torna-se mais fácil de abusar.” (P1_TNB).*

A perceção de universalidade do *spiking* premeditado era tão presente, que uma participante feminina menciona a possibilidade de tal lhes ter acontecido sem que o

soubessem. Este cariz de invisibilidade atribuído à submissão química sub-reptícia pode exacerbar a incorporação do medo entre mulheres.

“Às vezes, se calhar também aconteceu a nós e nós nem sequer notamos...” (P4_MC)

A literatura informa-nos da ausência de informação suficiente para se identificar substâncias específicas como sendo “drogas da violação” (Pires et al., 2024), descritas pelas pessoas participantes como tendo sido criadas com o objetivo de violação. Em narrativas correntes sobre VG, drogas específicas como GHB são centralizadas (e.g., Vitorino, 2024), promovendo este mito da violação, o qual participantes ecoaram, focando-se em substâncias específicas para facilitação de VG, dando atenção particular aos seus efeitos na vítima:

“O que acontece muitas vezes com estas drogas é mesmo feito para, tipo... Há umas que põem a pessoa muito ativa sexualmente, e há outras que, simplesmente, fazem um zombie para que, depois, seja fácil de abusar.” (P1_TNB)

Apesar do *spiking* de mulheres ser identificado pelas pessoas participantes como tendo o objetivo claro de violação, em casos com um alvo masculino, o ato ganha um cariz humoroso e não de ameaça, uma interpretação consistente com perceções noutras investigações (Swan et al., 2017), que pode surgir da interação entre a fragilidade feminina, e a invulnerabilidade masculina (especialmente em relação à violência sexual) percebidas:

“E se acontecer, não vai acontecer nada de mais, o máximo que - se ficarem drogados ou o caraças, estão ali os outros a rirem-se dele é isso, [nunca na vida-]” (P3_MC).

Impacto psicológico da violência de género em Ambientes de Lazer Noturno

O **Impacto psicológico da VG em ALN** (4, 152) refere-se não só ao sofrimento psicológico associado à vitimação criada ao se ser alvo de VG, mas também a fatores como hipervigilância, ansiedade e autoproteção, mesmo sem vitimação direta. Esta conceção de impacto reconhece desigualdades de género sistémicas na participação espontânea e prazerosa na esfera urbana.

Incorporação do medo e insegurança

Ao longo dos discursos das pessoas jovens, foi possível notar a prevalência da **Incorporação do medo e insegurança** (4, 57) em pessoas socializadas como mulheres. Através de aprendizagens sociais sistemáticas, especialmente com origem no sistema familiar, mulheres e pessoas assim socializadas internalizaram o medo generalizado de VG, especificamente de violação. A promoção da sensação de ameaça permanente constitui, em si, um tipo de VG (Conselho da Europa, 2011). Em contextos que refletem os discursos de alerta, surge um medo intenso, como se a violação fosse uma certeza familiar a todas as mulheres. Participantes também apontaram as dificuldades específicas de pessoas LGBTQ+, como a perseguição sentida por esta comunidade:

“Acho que é tipo por muito seguro que tu tentes fazer alguma coisa, há sempre perigo, porque há sempre pessoas - não só homens - há sempre pessoas e sempre haver pessoas envolvidas e nunca, nunca se pode prever o que vai acontecer” (P4_MC)

“Eles [pessoas TNB] deviam ter mais medo do que nós, ((risos)) porque, além de ter aquele medo, que somos mulheres e pronto, e violação, acho que é mais aquele [medo,] tipo é o ódio, só porque elas existem, elas podem estar a fazer nada (3) e (...) a chance é muito maior de os abordar para lhes causar algum dano.” (P4_MC)

Hipervigilância e antecipação da violência

Hipervigilância e antecipação da violência (4, 21) foi uma sensação apontada por todos os grupos como sendo algo sentido quase exclusivamente por pessoas socializadas como mulheres. Várias mulheres e pessoas TNB afirmavam estar constantemente atentas aos seus arredores, comportamento e consumo, e mentalmente preparadas para a vitimação:

“Por exemplo, (4) no outro dia estava sozinha até tarde com uma amiga minha, estava mesmo ao pé de casa à frente de casa e passaram dois rapazes. (...) Claro que sempre alerta eu (2), com qualquer pessoa que venha me abordar, fico sempre.” (P1_MC)

“Eu sempre vou muito protegida, eu nunca levo facas nem nada, mas é protegida no sentido de sempre vou preparada para uma cena assim, entendes?” (P4_TNB)

Comportamentos autoprotetores

Foi descrita pelas pessoas participantes a adoção de **Comportamentos autoprotetores** (4, 74) contra a VG, em especial violência sexual e submissão química sub-reptícia. Estes comportamentos constituem uma etiqueta feminina, identificada também na literatura como fazendo parte da performance de feminilidade em ALN (Pires, 2023; Pires, 2024), sendo que a incorporação do medo parece ser o fator motivador principal para todos os comportamentos de autoproteção. Tendo os homens e pessoas assim socializadas mais liberdade nas vivências sexuais e de consumo, e menos incorporação do medo de violação, ao se compararem às mulheres, sentiram que esta é uma preocupação quase inexistente:

“Eu é bué engraçado, porque, sendo socializado como um homem, eu olho para a minha a vida, nunca me preocupei com isto como um problema para mim (...) E é muito interessante, porque há mesmo uma diferença de quem é que se tem de preocupar com morrer à noite e quem não.” (P3_TNB)

Várias MC consideraram que a etiqueta feminina de autoproteção deve ser seguida, sendo que as mulheres poderão ser responsabilizadas se não o fizerem e forem vítimas de VG. Surge a crença, entre as participantes mulheres cis, de que a sua falta de experiências diretas de VG se deve a esta conduta que seguem, um mito da violação já identificado noutras investigações (e.g., Pires et al., 2018): *“É assim, eu acho que sim, só que não nos acontece a nós tanto porque estamos mais precavidas, (...) porque é bastante comum.” (P3_MC)*

Apesar das tentativas por parte de todos os grupos de focar o agressor, os discursos de mulheres cis em particular colocavam a responsabilidade de proteção e evitamento de VG em si próprias, considerando, por exemplo, que fatores externos a elas são incontrolláveis, como a educação de possíveis agressores: *“↑Se pelo menos educarmos a nós↑ (...) para nos proteger, porque não conseguimos educar os outros.” (P2_MC)*

A Autoproteção no consumo (4, 40) foi a estratégia mais mencionada, relativamente à gestão da sua frequência e intensidade, e à proteção contra o *spiking*, especialmente entre pessoas socializadas como mulheres - *“Se deixaste o copo, ficou. Não, não interessa quanto é que pagaste... ficou. Nunca deixes o copo com ninguém, se fores à casa de banho acaba a [bebida primeiro...-]” (P4_MC).*

Em contraste, algumas participantes MC referiram que também se pode procurar o consumo com o fim de aumentar sua a sensação de segurança - *“Exato, eu acho que foi mais*

tipo quando tu bebes, quando fumas, eu acho que ficas mais (3). Tipo mais segura (...)” (P4_MC) - apoiando a interpretação do consumo de SPA em mulheres como um instrumento de libertação (Pires, 2023).

A Procura de ALN seguros e inclusivos (4, 18), frequentados mais por mulheres, pessoas LGBT+ e/ou de idades semelhantes, foi mencionado entre todos os grupos:

“Há contextos que também, nomeadamente em bares no Porto, em que se calhar há uma presença maior da comunidade LGBT. As pessoas estão mais confortáveis e se calhar já é mais normativo haver mais pessoas da comunidade.” (P1_MC)

A Proteção entre amigos ou grupos (3, 15) foi mencionada por todos os géneros, com maior incidência entre MC. Consideraram que o isolamento é um fator de risco para a VG, e que quanto mais pessoas estiverem presentes, maior segurança sentirão:

“É sempre não andar sozinha. Quando estou sozinha por alguma razão, é sempre estar ao telemóvel com alguém, ou fingir...ou as vezes eu::: fico perto de grupos de pessoas [grandes], quase para parecer que estou com eles.” (P4_MC)

Prioridades para prevenção e intervenção em Violência de Género em ALN

As Prioridades para prevenção e intervenção em VG em ALN (4, 200) foram identificadas diretamente pelas pessoas participantes enquanto iniciativas relevantes para combater a VG em ALN. Também foram codificadas prioridades com base nas necessidades mais mencionadas, como a passividade de observadores em situações de violência - originando o código “Intervenção *Bystander*”.

Intervenção sistémica

Uma **Intervenção sistémica** (4, 49), com uma consideração pelos contextos de vida, socialização e aprendizagens que propulsionam a VG, foi um princípio reconhecido como relevante por todos os grupos. Procuraram denunciar os meios através dos quais se transmitem crenças de VG que consideram preocupantes e perigosas. Ao discutir estes meios, facilitaram a identificação de alvos para sensibilização sobre estereótipos de género e VG.

O Contexto mediático (3, 24) foi o mais mencionado, com participantes a sentir que noticiários e redes sociais alimentam o medo de violação entre mulheres:

“Uma experiência dessas prende uma mulher num estado constante de ‘eu sinto-me... Eu não me sinto segura’. Então, claro, adicionando a tudo o que é proliferado pelos média, mais as próprias vivências e experiências, uma mulher nunca é capaz de se sentir segura.” (P2_HC1)

Entre todos os grupos, considera-se que o Contexto cultural (3, 13) português age de forma pejorativa para a intervenção face a violência, valorizando o não-envolvimento na conduta dos outros. Ademais, mencionam-se os impactos de culturas conservadoras e religiosas na manutenção de papéis de género opressores e violência LGBT-fóbica.

“Mas há muito esta cultura de, ehhhh, de ser puritano, que é muito influenciada por autocracias religiosas. (...) que dizem que tens que vestir de x forma, senão já estás a cometer quase uma infração moral.” (P1_TNB)

O Contexto familiar (2, 12), especialmente entre MC e pessoas TNB com socialização feminina, foi apontado como a fonte principal de aprendizagens que levam à incorporação do medo de violação. Estes grupos falaram das advertências repetidas que recebem, e da diferença que notam entre os avisos direcionados a homens e a mulheres:

“Acho que há muitas coisas que as mulheres, quando começam a sair (...) a primeira coisa que os pais dizem (3) é logo< ‘cuidado com as bebidas. Cuidado, como te vestes, nunca andes sozinha’>, quando com os rapazes, é só tipo, ‘não bebas muito’ e prontos para sair.” (P4_MC)

Inclusão de material de sensibilização

A **Inclusão de material de sensibilização** (4, 42) como posters informativos foi considerada uma prática positiva para intervir em VG em ALN por todos os grupos. Ainda assim, esta prática foi criticada face à ausência de complementos com respostas de *staff*:

“Já é um passo na direção certa. Agora se faz alguma coisa? Não, eu acho que todos os sítios supostamente são::: zero tolerance, supostamente todos são. Agora, pões um

cartaz lá a dizer para (3) depois ires falar com alguém do staff a dizer que aconteceu alguma coisa, é tipo isso [já é -]” (P4_MC)

O **Treino de staff e protocolos de prevenção e resposta a VG** (4, 31) surgiram como iniciativas que as pessoas jovens consideraram mais relevantes, especialmente no que diz respeito a protocolos que facilitem a denúncia subtil e uma resposta eficaz:

“Tu dizes uma palavra-chave e a pessoa já sabe que aconteceu alguma coisa. E está ali quase a ajudar, por exemplo um homem estar a ser extremamente chato e tu quase se calhar nem consegues sair do bar porque achas que ele te vai seguir ou assim, tu dizes e aquela pessoa já vai saber e já está instruída e formada para te proporcionar um espaço de segurança.” (P2_MC)

Espaços seguros e atrativos para mulheres e pessoas LGBT+

A participação da mulher em ALN é, muitas vezes, acompanhada pela sua instrumentalização (Pires et al, 2018). As pessoas participantes demonstram preocupação com a criação de **Espaços seguros e atrativos para mulheres e pessoas LGBT+** (4, 41) que evitem práticas como *dresscodes* e ofertas de consumo sexistas, apontando a importância de criar espaços intencionalmente inclusivos e seguros:

“[É do género. Nós somos produtos e portanto, é.] (...) E mesmo a roupa, por exemplo, há várias discotecas que não nos deixam a nós, raparigas, entrar de sapatilhas, por exemplo. Ou::: [tens que ter decote-]...” (P1_MC)

“E eles puseram anúncio (...) que pessoas trans e não-binárias que, se mandassem uma pré-inscrição iam ter acesso à festa, porque fica complicado pagar 8€ por toda a gente e assim não podemos ter a comunidade representada na festa.” (P3_TNB)

Direcionamento de medidas à pessoa agressora

Em geral, participantes de todos os géneros consideraram relevante o **Direcionamento de medidas à pessoa agressora** (3, 19), responsabilizando-a e educando-a, e evitando promover o medo e culpa nas vítimas:

“Eu::: não concordo, porque eu acho que::: alertar, não deve ser alertar a vítima, é ensinar (3) a quem faz (...) Mas eu acabo sempre concordar mais com aquelas campanhas do género, “se vai estar com alguém da noite e a pessoa está bêbada, pensa bem antes [de:::” ou-] (...) ”Não é não “, o significado do não, o significado do [sim-]” (P3_MC)

Intervenção *Bystander*

No *Efeito bystander*, quanto mais indivíduos observadores estiverem presentes, menor será a probabilidade de intervenção na violência (Latané & Darley, 1970; Mainwaring et al., 2023). A **Intervenção *Bystander*** (3, 18) foi referida por todos os grupos à exceção de MC, apontando-se a importância que a intervenção pode ter para mitigar a violência e aumentar a responsabilização de agressores:

“Basta um comentário, às vezes. E as pessoas não dizem nada.” (P3_TNB).

“Já houve mais de uma situação em que as pessoas precisavam de ajuda e o restante ficou só a olhar, sem intervir. (...) Por causa disso, depois muitas vezes as pessoas sentem-se extremamente à vontade para fazer isso, porque ninguém faz nada.” (P2_TNB)

Participantes HC expuseram ainda dificuldades provenientes do receio de rejeição social por chamarem à atenção atitudes sexistas, o que se pode relacionar com a norma identificada de intensificação de alguns comportamentos de VG em grupos masculinos.

“Eu também sinto, por exemplo, se estiver num grupo, acabo por me calar e não fazer nada sobre isso. É um bocado mau. Mas, se estiver só eu e outra pessoa, fico tipo [‘Ah, não digas isso!’]” (P3_HC2)

Conclusão

Através da presente investigação, foi delineada uma visão geral das vivências e percepções de jovens adultos (18-24) residentes em Portugal sobre estereótipos de género e VG em ALN. Foi possível corroborar um vasto corpo de literatura internacional (e.g., Pires, 2022; Pires et al., 2024; Sasha et al., 2023) que aponta o facto de mulheres e pessoas LGBTQ+ serem mais intensamente alvos de violência sexual e de género. Estes grupos são desde logo

impactados ao serem incentivados a adotar sistemas complexos de autoproteção (com foco no controle do consumo de SPA) quando se envolvem em ALN, com uma preocupação quase exclusiva com a vitimação por violação no caso de mulheres, e violência sexual e LGBT-fóbica entre participantes TNB.

Duplos padrões de gênero em ALN foram expostos: a “inclusão” da mulher em ALN, no consumo de SPA e na expressão sexual aberta é, por um lado, permitida e incentivada, mas a mulher continua a ser sujeita a moralidade genderizada e julgamento social face a essa expressão. Participantes HC reconheceram as experiências femininas, e a diferença das suas vivências enquanto homens - afirmaram que não adotam estratégias para se proteger de VG, estando mais apreensivos face a assaltos e violência física em ALN. Todos os grupos associavam a pessoa vítima de VG a mulheres ou pessoas com apresentação feminina, associando-se a masculinidade à invulnerabilidade à violência sexual. Pessoas TNB com apresentação masculina também afirmavam sentir maior segurança face à VG, mas receio de adotar expressões femininas por antecipação de transfobia ou homofobia. Compreendeu-se que os comportamentos de autoproteção explorados se inserem num guião de etiqueta partilhado por pessoas de socialização feminina, aprendido através de mitos e contos caucionários sobre violação (Pires, 2023). O medo permanente da ameaça de VG é socialmente promovido e incorporado por este grupo, restringindo a sua autodeterminação e liberdade, podendo ser descrito como terrorismo sexual (Pires, 2024). O impacto psicológico face à (ameaça de) VG é sentido principalmente por participantes com socialização feminina, que antecipam a VG em ALN, descrevendo estados ansiosos, de hipervigilância e medo, e simultaneamente adotando uma postura de normalização da violência.

ALN foram apontados pelas pessoas participantes como ambientes que promovem a VG de diversas formas, com enfoque no consumo de SPA. Foram exploradas perspetivas que responsabilizam a vítima e desresponsabilizam a pessoa agressora sendo que, por exemplo, a influência de SPA surgiu como meio de justificação da perpetração. Participantes também apresentaram a perspetiva que, ao consumir SPA, mulheres ficam mais sexualmente disponíveis e são mais fáceis de abusar, sendo que já é atribuída uma maior fragilidade à VG como sendo intrínseca à feminilidade. Outros mitos da violação foram ecoados, como que a submissão química sub-reptícia é extremamente frequente, apesar de também ser reconhecida a submissão química oportunista, mais sublinhada na investigação (Plaza et al., 2022). Apesar disto, várias pessoas participantes procuraram responsabilizar a pessoa agressora, enfatizando a autodeterminação envolvida na perpetração, e focando dinâmicas que creem estar na base

dessa conduta, como percepção de titularidade e impunidade face a consequências formais entre agressores. A normalização e o silêncio face à violência, incluindo problemas com as respostas de autoridades a denúncias formais, foram descritos por todos os grupos como empecilhos à identificação e denúncia de VG e à responsabilização da pessoa agressora. A figura de agressor foi principalmente associada a homens cisgênero, procurando-se compreender essa associação através de biodeterminismo (e.g., fatores hormonais), mas também aspetos de socialização masculina - por exemplo, a associação da masculinidade à violência, dominância e a uma sexualidade impulsiva. Consideraram-se dificuldades particulares entre homens face a estas dinâmicas de género hegemónicas, como as barreiras sentidas na expressão emocional, algo discutido em relação à vitimação sexual, que homens podem não conseguir identificar ou denunciar por estigmatização de vítimas masculinas.

Recomendações para a prática e necessidades de investigação

Através da análise de dados foi possível identificar um conjunto de necessidades na intervenção prática face a VG. De forma a ampliar as vozes das comunidades consultadas, especialmente de grupos marginalizados, esta secção será principalmente constituída pelas necessidades e práticas realçadas pelas pessoas participantes. A sensibilização informativa para a VG foi considerada positiva, especialmente quando acompanhada de protocolos para o *staff* de ALN que facilitem a denúncia eficaz e assegurem a segurança da vítima. Em relação às várias aprendizagens de estereótipos de género apontadas pelas pessoas participantes, estas informam-nos da necessidade de educação formal e informal que promova a igualdade de género em três meios sociais centrais - o seio familiar, o contexto mediático, e o meio cultural mais abrangente, nos quais as pessoas participantes denotam o enraizamento de estereótipos género opressores. As pessoas participantes mencionam as dificuldades encontradas no processo de denúncia, expondo também a necessidade de educar autoridades sobre violência de género e cuidados sensíveis ao trauma (Rich, 2019). Uma prioridade será desconstruir estereótipos de género e mitos de violação que responsabilizam mulheres e o consumo de SPA pela VG, e educar sobre o consentimento e mutualidade sexual. Em relação a ALN, a criação de espaços intencionalmente seguros e inclusivos, que erradiquem práticas sexistas que penalizam a participação de mulheres e pessoas TNB, é uma prática valorizada. Como descrito por Pires e colegas (2018), contextos festivos são um meio privilegiado para intervir na problemática de VG, sendo possível envolver os promotores destes espaços, e implementar

práticas antissexistas e de consumo seguro para concretizar estratégias de prevenção ambiental e sistêmica. As pessoas participantes também concordaram, em geral, que as medidas devem ser direcionadas não às vítimas de VG, mas sim às pessoas perpetradoras, bem como às observadoras, apontando o efeito *bystander* como algo que mantém a violência.

Foi também possível averiguar uma ligação muito forte nos discursos das pessoas participantes entre estereótipos de gênero e os padrões e motivações de consumo consoante o gênero. Estudos anteriores levantam questões relacionadas, como o facto de homens tenderem a ter mais efeitos negativos de episódios de consumo excessivos, pelos papéis de gênero masculinos que os incentivam a procurar o excesso e exibicionismo (Balasch et al., 2018). Considerando estas diferenças e as idades das pessoas jovens em estudo, a presente investigação poderá também informar futuras intervenções em contexto escolar e académico, tanto ao nível da prevenção e redução de riscos no consumo de SPA, como nas intervenções face a VG, baseando-se numa perspetiva de gênero integrada com o consumo, desconstruindo também associações míticas entre os dois temas.

Assim, os resultados da presente dissertação indicam que um enfoque na intervenção sobre crenças e dinâmicas sociais na base da violência será o mais adequado para a prevenção de VG. Em termos de respostas remediativas, o treino de *staff*, aplicação de protocolos em ALN para denúncia segura e subtil de VG, responsabilização de agressores e corresponsabilização de espectadores são algumas linhas orientadoras a considerar. A educação para a desconstrução de mitos da violação pode ter lugar em contextos educativos, mas também nos ALN, aproximando-se a informação e apoio de contextos que intensificam a ocorrência de VG.

Em investigações futuras, seria relevante explorar experiências de VG em Portugal em grupos sociodemográficos mais intencionalmente diversos, em específico ao nível de identidades raciais marginalizadas, e pessoas com deficiências, sempre com a inclusão de identidades de gênero variadas. Estudos anteriores indicam que pessoas com deficiência têm maior probabilidade de sofrerem violência sexual (e.g., Mailhot et al., 2021), apesar de não existirem dados portugueses que explorem as suas experiências de VG em ambientes de consumo e de lazer noturno, sendo que a acessibilidade de ALN para pessoas com deficiências ainda apresenta limitações que tornam estes espaços menos inclusivos (Santana et al., 2021). Minorias raciais também têm especificidades face a experiências de VG que devem ser estudadas para melhor responder às suas necessidades (Mosley et al., 2021). Para além

disso, pessoas TNB são também mais propensas à vitimação sexual, sendo que a prevalência desta população em Portugal permanece por estudar, bem como as suas experiências em ALN e de VG de uma forma mais alargada. Idealmente, seria desenvolvida uma análise holística que tenha em conta como a intersecção de diferentes identidades marginalizadas impacta as experiências, perceções e impacto de VG em ALN.

Limitações do estudo

As pessoas participantes foram seleccionadas através de uma amostragem de conveniência e podem não representar as perceções e experiências de VG em jovens portugueses de forma generalizável. Apesar destes jovens irem de encontro a alguns estereótipos de género, demonstraram uma postura crítica dos mesmos, o que pode indicar uma maior consciência social na demográfica de jovens de 18-24 anos em Portugal. No entanto, isto pode refletir o tipo de perfil de pessoa que participaria no presente estudo, possivelmente estando mais informada sobre VG, especialmente entre participantes TNB, que veem a comunidade LGBT+ como mais consciente das problemáticas em estudo. Também é de considerar não só a presença de até duas moderadoras durante os FG e entrevista coletiva, mas também o facto destas terem sido gravadas em áudio. Estando sujeitos a observação, as partilhas e posicionamentos das pessoas participantes podem ter sido influenciadas.

Referências Bibliográficas

- Acocella, I. (2012). The focus groups in social research: advantages and disadvantages. *Qual Quant* 46, 1125–1136. <https://doi.org/10.1007/s11135-011-9600-4>
- Afonso, R. (2019). *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/1036https://sexismfreenight.eu/wp-content/uploads/2022/03/Report-Sexismf-Free-Night.pdf2/54183>
- Agbaje, O. S., Arua, C. K., Umeifekwem, J. E., Umoke, P. C. I., Igbokwe, C. C., Iwuagwu, T. E., Iweama, C., Ozoemena, E., & Obande-Ogbuinya, E. N. (2021). Workplace gender-based violence and associated factors among university women in Enugu, South-East Nigeria: an institutional-based cross-sectional study. *BMC Women's Health* 21, 124. <https://doi.org/10.1186/s12905-021-01273-w>
- Ahrens, C. E., Stansell, J., & Jennings, A. (2010). To tell or not to tell: The impact of disclosure on sexual assault survivors' recovery. *Violence and Victims*, 25, 631–648. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.25.5.631>
- Alonso, C. F., Casado, E. D., Jorge, O. Q., Morales, C. M., Serrano, B. B., & Santiago-Sáez, A. (2022). Sumisión química por «burundanga» o escopolamina. *Revista Española de Medicina Legal*, 48(2), 74-77. <https://doi.org/10.1016/j.reml.2022.01.004>
- American Psychological Association. (2021). *Apology to people of color for APA's role in promoting, perpetuating, and failing to challenge racism, racial discrimination, and human hierarchy in US*. <https://www.apa.org/about/policy/resolution-racism-apology.pdf>
- Aspillaga, C., Bilbao-Nieva, M. I., De Mattos-Rojas, N., Menchaca-Pardow, J. (2023). Learning Affects, Gender Roles, and the Case of Care Work. In: Fossa, P., Cortés-Rivera, C. (eds) *Affectivity and Learning*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-31709-5_37
- Balash, M., Faucha, M., Antelo, V. S., Pires, C. V., & Carvalho, H. (2018). Sex-related Differences in Heavy Episodic Drinking Among Young Adults Living in Porto, Bologna and Tarragona: Patterns, Protective Behaviors and Negative Consequences.

- Journal of Alcohol and Drug Education*, 62(3), 72-93.
<https://www.jstor.org/stable/48517541>
- Bridges, T. (2022). Hegemonic Masculinity: Formulation, Reformulation, and Amplification. *Contemporary Sociology*, 51(2), 140–142.
<https://doi.org/10.1177/00943061221076191t>
- Burn, S. M. (2009). A situational model of sexual assault prevention through bystander intervention. *Sex Roles*, 60, 779–792. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9581-5>
- Cabrera, A. (2021). Feminismo, poder e representações mediáticas ao longo dos 40 anos da democracia portuguesa. *Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, 16, 179-203.
- Calafat, A. (2010). *Prevention Interventions in Recreational Settings*. Pompidou Group.
http://www.irefrea.eu/uploads/PDF/Calafat_2010_Prevention%20Interventions.pdf
- Cinquegrana, V., Baldry, A. C. and Pagliaro, S. (2018), ‘Intimate partner violence and bystanders’ helping behaviour: An experimental study’. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 10(1), 24–35.
<https://doi.org/10.1108/JACPR-08-2016-0243>
- Cislaghi, B., & Heise, L. (2018). Four avenues of normative influence: A research agenda for health promotion in low and mid-income countries. *Health psychology*, 37(6), 562–573. <https://doi.org/10.1037/hea0000618>
- Colyer, C. J., & Weiss, K. G. (2018). Contextualizing the drink-spiking narrative that “everyone knows”. *Criminal Justice Review*, 43(1), 10-22.
<https://doi.org/10.1177/0734016817747011>
- Conselho da Europa. (2011). Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica. *Série de Tratados do Conselho da Europa*, 210. <https://rm.coe.int/168046253d>
- Coulter, R. W. S., Mair, C., Miller, E., Blosnich, J. R., Matthews, D. D., & McCauley, H. L. (2017). Prevalence of Past-Year Sexual Assault Victimization Among Undergraduate Students: Exploring Differences by and Intersections of Gender Identity, Sexual Identity, and Race/Ethnicity. *Prevention science : the official journal of the Society for*

- Prevention Research*, 18(6), 726–736. <https://doi.org/10.1007/s11121-017-0762-8>
- Dardis, C. M., Reinhardt, K. M., Foynes, M. M., Medoff, N. E., Street, A. E. (2018). “Who are you going to tell? Who’s going to believe you?”: Women’s experiences disclosing military sexual trauma. *Psychology of Women Quarterly*, 42(4), 414–429. <https://doi.org/10.1177/0361684318796783>
- Delle Donne, M., DeLuca, J., Pleskach, P., Bromson, C., Mosley, M.P., Perez, E.T., Mathews, S.G., Stephenson, R., & Frye, V. (2018). Challenges to and facilitators of help-seeking behavior among men who experience sexual violence. *American Journal of Men’s Health*, 12(2), 189–201. <https://doi.org/10.1177/1557988317740665>
- Dhakal, K. (2022). NVivo. *Journal of the Medical Library Association*, 110(2), 270-272. <https://doi.org/10.5195/jmla.2022.1271>
- DiBennardo, R. A. (2018). Ideal Victims and Monstrous Offenders: How the News Media Represent Sexual Predators. *Socius*, 4. <https://doi.org/10.1177/2378023118802512>
- Diemer, E. W., White Hughto, J. M., Gordon, A. R., Guss, C., Austin, S. B., & Reisner, S. L. (2018). Beyond the binary: differences in eating disorder prevalence by gender identity in a transgender sample. *Transgender Health*, 3(1), 17-23. <https://doi.org/10.1089/trgh.2017.0043>
- Dreher, J. C., Dunne, S., Pazderska, A., Frodl, T., Nolan, J. J., & O’Doherty, J. P. (2016). Testosterone causes both prosocial and antisocial status-enhancing behaviors in human males. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 113(41), 11633-11638. <https://doi.org/10.1073/pnas.160808511>
- Eaton, A. A., & Matamala, A. (2014). The relationship between heteronormative beliefs and verbal sexual coercion in college students. *Archives of Sexual Behavior*, 43(7), 1443–1457. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0284-4>
- Elliott, V. (2018). Thinking about the coding process in qualitative data analysis. *Qualitative report*, 23(11), 2850-2861. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2018.3560>
- Ending Violence Association of BC (EVABC). (2016). *Responding to a sexual assault disclosure: Practice tips for universities & colleges*. https://endingviolence.org/wp-content/uploads/2022/10/EVA_PracticeTips_Universities

[sColleges_vF.pdf.pdf](#)

European Union Agency for Fundamental Rights (FRA). (2014). *Violence against women: An EU-wide survey: Main results*. FRA, European Union Agency for Fundamental Rights.

https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2014-vaw-survey-main-results-apr14_en.pdf

Fagot, B. I., Rodgers, C. S., & Leinbach, M. D. (2012). Theories of gender socialization. *In The developmental social psychology of gender* (pp. 65-89). Psychology Press.

Franco, M. (2008). *Análise de conteúdo*. (5th ed.). Líber Livros.

Geniole, S. N., Bird, B. M., McVittie, J. S., Purcell, R. B., Archer, J., & Carré, J. M. (2020). Is testosterone linked to human aggression? A meta-analytic examination of the relationship between baseline, dynamic, and manipulated testosterone on human aggression. *Hormones and behavior*, *123*, 104644.

<https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2019.104644>

Glaw, X., Inder, K., Kable, A., & Hazelton, M. (2017). Visual Methodologies in Qualitative Research: Autophotography and Photo \tition Applied to Mental Health Research. *International Journal of Qualitative Methods*, *16*(1).

<https://doi.org/10.1177/1609406917748215>

Grave, R., Teresa, T., Teixeira, P. M., Marques, A. M., & Nogueira, C. (2020). A meta-synthesis about the study of men's sexual behavior through the lens of hegemonic masculinity. *Psicologia*, *34* (2), 225-244.

<https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i2.1661>

Gravelin, C. R., Biernat, M., & Bucher, C. E. (2019). Blaming the Victim of Acquaintance Rape: Individual, Situational, and Sociocultural Factors. *Frontiers in Psychology*, *9*, 2422. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02422>

Greeson, M. R., Campbell, R., & Fehler-Cabral, G. (2016). “Nobody Deserves This”: Adolescent sexual assault victim’s perceptions of disbelief and victim blame from police. *Journal of Community Psychology*, *44*(1), 90-110.

<https://doi.org/10.1002/jcop.21744>

- Griffin, C., Szmigin, I., Bengry-Howell, A., Hackley, C., & Mistral, W. (2013). Inhabiting the contradictions: Hypersexual femininity and the culture of intoxication among young women in the UK. *Feminism & Psychology*, 23(2), 184-206. <https://doi.org/10.1177/0959353512468860>
- Gunby, C., Carline, A., & Taylor, S. (2017). Location, libation and leisure: An examination of the use of licensed venues to help challenge sexual violence. *Crime, media, culture*, 13(3), 315333. <https://doi.org/10.1177/1741659016651751>
- Hanish, L. D., & Fabes, R. A. (2014). Peer socialization of gender in young boys and girls. Encyclopedia on Early Childhood. *Gender: Early Socialization*. <https://www.child-encyclopedia.com/gender-early-socialization/according-experts/peer-socialization-gender-young-boys-and-girls>
- Haris, M. J., Upreti, A., Kurtaran, M., Ginter, F., Lafond, S., & Azimi, S. (2023). Identifying gender bias in blockbuster movies through the lens of machine learning. *Humanities and Social Sciences Communications*, 10(1), 1-8. <https://doi.org/10.1057/s41599-023-01576-3>
- Haywood, C., Johansson, T., Hammarén, N., Herz, M., & Ottemo, A. (2017). *The conundrum of masculinity: Hegemony, homosociality, homophobia and heteronormativity*. Routledge.
- Hine B., Murphy A. (2019). The influence of ‘High’ vs. ‘Low’ rape myth acceptance on police officers’ judgements of victim and perpetrator responsibility, and rape authenticity. *Journal of Criminal Justice*, 60, 100–107. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2018.08.001>
- Ho, L. Y., Ehman, A. C., & Gross, A. M. (2021). *Gender Roles, Sexual Assertiveness, and Sexual Victimization in LGBTQ Individuals*. *Sexuality & Culture*, 25(4), 1469–1489. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09819-8>
- Human Rights Campaign (HRC) (2017). *Sexual assault and the LGBTQ community*. <http://www.hrc.org/resources/sexual-assault-and-the-lgbt-community>
- Kennedy, A. C., & Prock, K. A. (2018). “I Still Feel Like I Am Not Normal”: A Review of the Role of Stigma and Stigmatization Among Female Survivors of Child Sexual Abuse, Sexual Assault, and Intimate Partner Violence. *Trauma, Violence, & Abuse*,

19(5), 512-527. <https://doi.org/10.1177/1524838016673601>

- Knight, E. L., Morales, P. J., Christian, C. B., Prasad, S., Harbaugh, W. T., Mehta, P. H., & Mayr, U. (2022). The causal effect of testosterone on men's competitive behavior is moderated by basal cortisol and cues to an opponent's status: Evidence for a context-dependent dual-hormone hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 123(4), 693. <https://doi.org/10.1037/pspa0000305>
- Latané B., Darley J. M. (1970). *The unresponsive bystander: Why doesn't he help?* Appleton-Century-Crofts.
- Leaper, C. (2014) Parents' Socialization of Gender in Children. In Tremblay, R. E., Boivin, M., Peters, R., (Eds.), *Gender: Early Socialization* (pp. 7-12). Encyclopedia on Early Childhood Development. <https://www.child-encyclopedia.com/gender-early-socialization/according-experts/parents-socialization-gender-children>.
- Litosseliti, L. (2007). *Using Focus Groups in Research* (3rd ed.). Continuum.
- Lomba, L., Apóstolo, J., Mendes, F., & Campos, D. (2011). Jovens portuguesas que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e comportamentos que adoptam. *Revista Toxicodependências*, 17(1), 3-15. <https://www.sidalc.net/search/Record/oai:scielo:S0874-48902011000100002>
- Mailhot, A., Bussi eres, L., Vaillancourt-Morel, P., & Joyal, C. C. (2021). Sexual Violence Against Persons With Disabilities: A Meta-Analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(4), 1330-1343. <https://doi.org/10.1177/1524838021995975>
- Mainwaring, C., Gabbert, F., & Scott, A. J. (2023). A systematic review exploring variables related to bystander intervention in sexual violence contexts. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(3), 1727-1742. <https://doi.org/10.1177/15248380221079660>
- Mosley, E. A., Prince, J. R., McKee, G. B., Carter, S. E., Leone, R. M., Gill-Hopple, K., & Gilmore, A. K. (2021). Racial disparities in sexual assault characteristics and mental health care after sexual assault medical forensic exams. *Journal of women's health*, 30(10), 1448-1456. <https://doi.org/10.1089/jwh.2020.8935>

- Mutatayi, C., Morton, S., Soto, N. R., Pálsdóttir, K. I. & Pires, C. V (2022). Implementing a gender approach in drug policies: prevention, treatment and criminal justice. *A handbook for practitioners and decision makers*. Council of Europe Publishing.
- Obeid, S., Sacre, H., Haddad, C., Akel, M., Fares, K., Zakhour, M., Kheir, N., Salameh, P., & Hallit, S. (2019). Factors associated with fear of intimacy among a representative sample of the Lebanese population: The role of depression, social phobia, self-esteem, intimate partner violence, attachment, and maladaptive schemas. *Perspectives in Psychiatric Care*, 56(3), 486-494. <https://doi.org/10.1111/ppc.12438>
- Oliveira, E. M. D., Barbosa, R. M., de Moura, A. A. V. M., vonKossel, K., Morelli, K., Botelho, L. F. F., & Stoianov, M. (2005). The services for women victims of sexual violence: a qualitative study. *Revista de Saúde Pública*, 39, 376-382. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300007>
- Ordem dos Psicólogos (OPP) (2016). *Código Deontológico*. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/web_cod_deontologico_pt_revisao_2016.pdf
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) (2017). *Perfil das/os Psicólogas/os da Educação*. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/perfil_psicologos_educaa_a_ao.pdf
- Ordem dos psicólogos Portugueses (OPP) (2022). *Combater as Desigualdades e a Discriminação*. https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/opp_combaterasdesigualdadeadiscriminacao.pdf
- O’Callaghan, E., Shepp, V., Ullman S. E. & Kirkner, A. (2018). Navigating Sex and Sexuality After Sexual Assault: A Qualitative Study of Survivors and informal Support Providers. *The Journal of Sex Research*, 56(8) 1-13. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1506731>
- O’Hara, S. (2012). Monsters, playboys, virgins and whores: Rape myths in the news media’s coverage of sexual violence. *Language and Literature*, 21(3), 247–259. <https://journals-sagepubcom.proxy.lib.pdx.edu/doi/full/10.1177/0963947012444217>

- Pires, C., Pereira, R., Valente, H., & Moura, H. (2018). Violência sexual e consumo de substâncias psicoativas: podem os contextos festivos ser educativos? *ex aequo*, 37, 143-158. <http://dx.doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.10>.
- Pires, C. V., Gomes, F. C., Caldas, J., & Cunha, M. (2022). Chemsex in Lisbon? Self-Reflexivity to Uncover the Scene and Discuss the Creation of Community-Led Harm Reduction Responses Targeting Chemsex Practitioners. *Contemporary Drug Problems*, 49(4), 434–452. <https://doi.org/10.1177/00914509221094893>
- Pires, C. V., Valente, H., Viatico, B., Castro, J. (2024). *CRISSCROSS Research Report: Needs Analysis and Joint Good Practices to address gender-based violence and harassment in nightlife environments*. Deliverable D2.1, CRISSCROSS Project. https://crisscrossproject.org/wp-content/uploads/2024/02/Relatorio_Investigacao_CrissCross_port.pdf
- Pires, C. V. (2022). *Lilac care guidelines: taking care of people who experience(d) gender-based violence in large-scale events*. Sexism Free Night European Project. <http://hdl.handle.net/10400.14/39642>
- Pires, C. V. (2023). Relações de poder e construções sociais genderizadas sobre o uso de drogas: uma perspectiva socio-histórica com foco em mulheres que consomem drogas. In S. Neves, & A. Pinto Correia (Eds.), *Dinâmicas criminais e de vitimação juvenis* (pp. 67-91). Associação Plano.
- Pires, C. V. (2024). Sexual terrorism in the post-pandemic nightlife? A feminist critical discourse analysis of the needle spiking media coverage. *Crime, Media, Culture*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/17416590241302704>
- Plaza, L., Ferrer, R., & Pires, C. V. (2022). *Sexism Free Night – Research Report*. Sexism Free Night European Project. <https://www.drugsandalcohol.ie/35925/1/Report-Sexismf-Free-Night.pdf>
- Reed R. A., Pamlyne J. T., Truex H. R., Murphy-Neilson M. C., Kunaniec K. P., Newins A. R. & Wilson L. C. (2020). Higher rates of unacknowledged rape among men: The role of rape myth acceptance. *Psychology of Men and Masculinity*, 21(1), 162-167. <https://doi.org/10.1037/men0000230>

- Ricart, L. C., & García, A. B. (2023). *Diagnóstico sobre informaciones mediáticas alrededor de las violencias sexuales, el uso de drogas y la sumisión química*. https://www.drogasgenero.info/wp-content/uploads/Diagnostico_MediosViolenciasSexualesDrogas_NoctambulasFSC_2023_final.pdf
- Rich, K. (2019). Trauma-informed police responses to rape victims. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 28(4), 463-480. <https://doi.org/10.1080/10926771.2018.1540448>
- Ritchie, J., Lewis, J., Nicholls, C. M., & Ormston, R. (Eds.). (2013). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. Sage.
- Roller, M. R., & Lavrakas, P. J. (2015). *Applied qualitative research design: A total quality framework approach*. Guilford Publications.
- Rundle, Jessica Lynn, "Heterosexual Male Sexual Assault Victims Experience of Challenges in Reporting Their Victimization" (2023). *Walden Dissertations and Doctoral Studies*, 12200. <https://scholarworks.waldenu.edu/dissertations/12200>
- Santana, D., Maia-Vasconcelos, S., Soares, J. R., & Maia, J. (2021). Lazer noturno e turismo como direito das pessoas com deficiência. *ROTUR. Revista de Ocio y Turismo*, 15(2), 168-181. <http://hdl.handle.net/2183/28623>
- Sasha, C., Katherine, R., Wiersma-Mosley, K., & Kristen, J. (2023) Familial Support and Disclosure: A Two-Sample Study of LGBT Sexual Assault. *LGBTQ+ Family: An Interdisciplinary Journal*, 19(1), 54-69. <https://doi.org/10.1080/27703371.2022.2137266>
- Sottomayor, M. C. (2015). A Convenção de Istambul e o novo paradigma da violência de género. *ex aequo*, 31, 105–121. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2015.31.08>
- Stern, E., Cooper, D., & Greenbaum, B. (2015). The relationship between hegemonic norms of masculinity and men's conceptualization of sexually coercive acts by women in South Africa. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(5), 796–817. <https://doi.org/10.1177/0886260514536275>
- Swan, S. C., Lasky, N. V., Fisher, B. S., Woodbrown, V. D., Bonsu, J. E., Schramm, A. T., Williams, C. M. (2017). Just a dare or unaware? Outcomes and motives of drugging

(“drink spiking”) among students at three college campuses. *Psychology of Violence*, 7, 253–264. <https://doi.org/10.1037/vio0000060>

Topping A. & Bar C. (2020). *Rape convictions fall to record low in England and Wales*. The Guardian.

<https://www.theguardian.com/society/2020/jul/30/convictions-fall-record-low-england-wales-prosecutions>.

Vaadal, K. (2019). Navigating nightlife: women's discourses on unwanted attention in nightlife settings in Norway. *Gender, Place & Culture*, 27(7), 1023-1043. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2019.1654982>

Vitorino, S. (2024, 16 de fevereiro). *Droga da violação mata em engate gay no Dia dos Namorados*. CM Jornal.

<https://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/engata-gay-para-o-roubar-mas-droga-e-mata-a-vitima>

Anexos

Anexo 1. Parecer favorável da Comissão de Ética ao projeto CRISSCROSS



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.º 2023/06-08)

A Comissão de Ética (CdE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo analisado os documentos do projeto de investigação denominado «Participative research based on EU best practices and needs analysis», submetidos para apreciação ética pela doutoranda Helena Valente, com orientação da Prof.ª Doutora Marta Pinto, solicita os seguintes esclarecimentos e/ou reformulações:

- A clarificação da equipa investigadora, nomeadamente, o estatuto da investigadora principal e sua relação com a *Kosmicore* enquanto contexto de investigação;
- A clarificação dos modos de recrutamento dos jovens;
- A clarificação dos modos de garantir o anonimato nos grupos de discussão focalizada;
- A clarificação dos 'eventuais limites à confidencialidade...', e como vão lidar com esta situação, em como com 'possíveis descobertas acidentais';
- No Consentimento Informado, garantir:
 - o Correção da expressão 'projeto aprovado pela Comissão de Ética', mencionando 'parecer positivo da Comissão de Ética';
 - o Informação sobre a possibilidade de acesso aos resultados da investigação;
 - o Explicitação do que se entende por 'os nossos objetivos'.

Parecer favorável condicional

A CE considera o projeto adequado no geral, mas solicita a reformulação de aspetos pontuais do mesmo; após a alteração ser efetuada (e documentada por comunicação escrita dirigida à CE demonstrando que foi feita), o parecer torna-se favorável, sem ser necessária a sua reapreciação.

Nota: os documentos modificados a devolver à CE devem indicar as porções de texto retirado assinalado com rasurado, e de texto adicionado assinalado a negro.

FPCEUP, 16 de junho de 2023

A Presidente da CE,

Prof.ª Doutora Carlinda Leite

Anexo 2. Documento de consentimento informado preenchido pelas pessoas participantes



Formulário de Consentimento Informado

Gostaríamos de o/a convidar a participar num projeto de investigação que visa compreender a violência de género nos jovens e jovens adultos/as.

Esta investigação faz parte do projeto CrissCross, financiado pelo programa Cidadania, Igualdade, Direitos e Valores da Comissão Europeia. O guião foi desenvolvido pela Associação Kosmicare e tem o parecer positivo da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A sua participação é extremamente valiosa para ajudar a atingir os objetivos do estudo, a compreender o fenómeno em análise e a promover ambientes de lazer noturno mais seguros e inclusivos.

Se desejar, poderá ter acesso aos principais resultados desta investigação. Poderá fazê-lo através do website da Kosmicare (www.kosmicare.org), publicações científicas da especialidade ou contactando Helena Valente por telefone (+351 916470305) ou e-mail (helena.valente@kosmicare.org).

O que irá acontecer à minha informação?

No caso de dar o seu consentimento, estão garantidas a confidencialidade e anonimato das informações que prestar. Não será reconhecido/a no processo de transcrição e publicação dos dados. Informações pessoais, como o seu nome, não serão registadas e todos os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para fins de investigação científica, de acordo com a lei de proteção de dados pessoais (Lei nº 67/98, 26 de Outubro). Apenas a equipa de investigação terá acesso aos dados recolhidos. De igual modo, solicitamos que se comprometa a garantir a confidencialidade da identidade dos/as restantes participantes, bem como das informações por eles/as partilhadas.

Consentimento do/a participante:

Assinatura:

Anexo 3. Guia de codificação da transcrição dos focus groups no projeto CRISSCROSS



M: Moderator; P: Participant+number

Table 1. Transcription codes

Code	Explanation
[] Brackets	They are used when there is an overlap of speakers (they speak at the same time). They mark the beginning and end of overlapping speech. Please place them in the alignment where the overlap occurs. M: you told me that you dropped out of [scho-] P: [I got kicked out of school M: Ah, I see.
↑↓ Arrows up or down	To indicate the pitch of the voice, above or below the tones marked in normal speech. For example, a change from a conversational tone to a ↑harsh tone↓ or ↓whisper mode; (These arrows are placed in front of the word where the change in pitch begins) P: And she ↑wasn't there↓. M: she wasn't? P: No. ↓It was quite disappointing↓.
<u>Underlined</u>	Points to the stress words or vowel syllables; the degree of underlining within individual words locates the stress but also indicates its strength. P1: It was you, then. P2: No, you were. I wasn't there that day. P1: <u>You've</u> got some nerve!

¹ The compilation of these codes is based on the guidelines provided by Bassi Follari, J. E. (2015). El código de transcripción de Gail Jefferson: adaptación para las ciencias sociales. *Quadernos de Psicología*, 17(1), 39-62. We have selected the most used codes, with the most examples from this author.



(4), (5) Number, in parenthesis	To indicate pauses in seconds. It will only be indicated when the participants' pauses during the conversation are longer than usual. P: Well, I... (4). I can't do it.
(()) Double parenthesis	Additional remarks by the transcriber to indicate laughter, crying, sobbing or any other indication of the context of the conversation. M: Well, tell me about it. P: Let's see ((slaps the table)), where do I start? It all started ((clears throat)) with my parents' departure (3). M: and? P: And she pulled up her trousers and went out ((laughs)).
... Two-point series	To indicate the elongation of the previous sound. The more dots, the more elongation. P1: No... It can't be. P2: Yes, my friend, that's the true... P3: Incredible.
- Hyphen	Hyphens mark a break in the preceding sound. P1: But he to-, told me that he wouldn't go. P2: He could have told you anything.
< >	Speaks faster than usual. M: Explain that to me. P: No, no, - I can't tell you anything-.
> <	Speaks slower than usual. P: And here we go again, as +if he had a:::ll the time to do it-, and I look at him and laugh (like crazy).
"ehhhh"; "ohhh" ...	Audible sounds of hesitation, stuttering or stammering.
(incomprehensible, ?)	If any part of the recording cannot be transcribed due to poor recording quality, ambient noise or due to the speaker's speech, the word "Incomprehensible" should be indicated in brackets. In addition, what you think you understand, or the hypothesis you formulate should also be included within the brackets and between question marks. P: I think that abortion is more like a (incomprehensible, a murder?).
Conventional signs: full stop (.); comma (,); question mark (?); exclamation mark (!); suspension point (...)	These signs shall be used according to their conventional usage.

Anexo 4. Descrição sociodemográfica dos grupos de pessoas participantes

Grupo mulheres cis (MC)	
Nº de participantes	5
Idades (anos)	20 (n=3) 21 (n=1) 23 (n=1)
Habilitações literárias / profissão	Estudantes do ensino superior
Grupo homens cis 1 (HC1)	
Nº de participantes	2
Idades (anos)	19 (n=2)
Habilitações literárias / profissão	Estudantes do ensino superior
Grupo homens cis 2 (HC2)	
Nº de participantes	3
Idades (anos)	21 (n=2) 23 (n=1)
Habilitações literárias / profissão	Estudantes do ensino superior (n=2) Ex-estudante universitário (n=1)
Grupo pessoas trans e não-binárias (TNB)	
Nº de participantes	4
Idades (anos)	18 (n=1) 20 (n=1) 21 (n=1) 22 (n=1)
Habilitações literárias / profissão	Estudantes do ensino superior (n=2) Ex-estudantes universitários (n=2)

Anexo 5. Delineamento do sistema de categorização e subcategorização

Código	Descrição	Exemplo dos dados	Ficheiros	Referências
(1) <u>Estereótipos de género em ALN</u>	Papéis, ideais e estereótipos associados à masculinidade e feminilidade, e como estes se expressam em ambientes de lazer noturno.		4	263
(1.1) <u>Fragilidade e inibição feminina</u>	Perceção de que a mulher é mais frágil do que o homem, e que, por esse motivo, deve ter comportamentos medidos e controlados de forma a não acrescentar a essa vulnerabilidade.		4	86
(1.1.1) <u>Vulnerabilidade e insegurança intrínsecas</u>	Perceção de que a mulher é inerentemente mais suscetível à violência.	<i>“[E depois], acho que como mulheres é sempre aquela coisa que a maioria dos homens e a maioria das mulheres, generalizando um pouco, se um homem me tentasse agarrar, não haveria muito (3) que eu pudesse fazer par-, para fugir se calhar... se tivesse sorte se calhar conseguia mas se quisesse mesmo não haveria muito que eu conseguisse fazer para (3) , para o fazer largar-me e conseguir fugir dele.”</i>	4	34

(1.1.2) <u>Motivações não sexualizadas para frequentar ALN</u>	Perceção de que as mulheres não frequentam ALN para a procura de parceiros/as ou contactos sexuais.	<i>“Eu não sei, quando bebo ou outra coisa qualquer, não tem nada a ver com::: pronto com esse [tema-], e nota-se que as Mulheres... é o mais baixo, não sei...”</i>	4	13
(1.1.3) <u>Inibição e pureza</u>	Expectativa de que mulheres sejam recatadas e controladas nos seus comportamentos sexuais e de consumo de SPA.	<i>“Se uma mulher andar na rua, tirar a camisola por estar calor, de repente está com um sutiã ↑, ‘Oh meu Deus que escândalo’, ‘Oh, meu Deus, o que ela, tipo, ela quer pior?’ ↑ ((risos))”</i>	4	14
(1.1.4) <u>Degradação associada ao consumo</u>	Perceção de que a mulher se torna mais sexualmente disponível, menos respeitável na sua feminilidade e estatuto como pessoa pelo consumo de substâncias psicoativas.	<i>“Sim, influencia muito. Eu lembro-me de ser pequenina, ter 12/13 anos e já ter rapazes nessa altura aí tipo a dizer que quando-, quando uma rapariga bebe, de repente já é mais fácil. <Dizer ‘as raparigas bêbadas são fáceis’>”</i>	4	20
(1.2) <u>Dominância e invulnerabilidade masculina</u>	Perceção e expectativa de que o homem não deve ter ou expressar sentimentos de vulnerabilidade, passar por ou expor a sua própria vitimação, e que deve manter uma postura dominante e possivelmente agressiva.		4	177

(1.2.1) <u>Violência e dominância social e sexual</u>	Associação de homens com comportamentos física e verbalmente agressivos ou violentos, e percepção de que o homem deve sempre manter uma posição dominante e uma postura de controlo e confiança em qualquer contexto social e sexual.	“ <i>Sim, até porque nas discotecas há sempre porrada.</i> ” “ <i>↑E é sempre os homens↑.</i> ”	4	73
(1.2.3) <u>Possessividade e controlo sobre a mulher</u>	Percepção de que a mulher é propriedade do homem, sendo que este último a deve controlar.		4	13
(1.2.4) <u>Motivações sexualizadas para frequentar ALN</u>	Percepção de que os homens frequentam ALN com a motivação principal de procurar possíveis parceiros/as sexuais.	“ <i>Lá está, os homens saem à noite para as discotecas para acasalar, então o consumo vai ser nesse sentido, também. Enquanto que as mulheres, não.</i> ”	4	14
(1.2.5) <u>Invulnerabilidade à violência sexual</u>	Percepção de que os homens, em geral, não são alvos de violência sexualizada.	“ <i>Sim, lá está, é a questão de tanto à noite, seja numa discoteca, seja numa... Seja na rua, há sempre esse perigo e há sempre a questão de uma mulher nunca está a salvo e nunca pode descansar. Enquanto que um homem está livre da vida e não percebe uma boa parte das... Dos problemas pelos quais a mulher tem de passar.</i> ”	4	31

(1.2.6) <u>Determinismo biológico</u>	Perceção parcial ou total de que o comportamento de homens cisgénero é controlado por fatores biológicos como hormonas ou características consideradas intrínsecas e naturais ao seu sexo, como ter impulsos sexuais incontroláveis.	<i>“E depois, um homem que tem tendências tanto sociais quanto até questões genéticas, por vezes associadas a questões hormonais, de testosterona mais associada a violência e comportamentos sexuais mais impulsivos...”</i>	4	11
(1.2.7) <u>Consumo de SPA para aumentar a confiança sexual</u>	Consumo de álcool e outras substâncias para diminuir sensações ansiogénicas em contextos sociais de procura de contacto sexual em ALN, promovendo uma postura mais confiante e desinibida.	<i>“[Sim, eu conheço]. Eu já conheci amigos que no fundo iam e bebiam. Não é? para terem, para quebrar esse gelo, para poderem conhecer alguém.”</i>	4	17
(2) <u>Perceções e experiências de violência de género em ambientes de lazer noturno</u>	Experiências de vitimação diretas, ou experiências presenciadas e conhecidas de VG; e perceções sobre esta violência em ambientes de lazer noturno.		4	428
(2.1) <u>Perfil da pessoa agressora</u>	Características (e.g., de identidade, carácter, personalidade) associadas à imagem de uma pessoa perpetradora de VG.		4	229
(2.1.1) <u>Identidade de género masculina</u>	Associação da figura agressora a alguém do género masculino, em especial a homens cisgénero.	<i>“Sim, é sempre o homem. Sempre que há uma mão a fazer mal, é um homem! ((risos))”</i>	4	58

(2.1.2) <u>Perpetração como independente do género</u>	Perceção de que a violência de género pode ser perpetrada por qualquer pessoa, independentemente da sua identidade de género.	“↑ <i>Homens podem violar homens, Mulheres podem violar mulheres</i> ↑”	2	11
(2.1.3) <u>Relação da pessoa agressora com a vítima</u>	Perceções sobre a proximidade relacional entre a pessoa agressora e a pessoa vítima de violência de género.		4	29
(2.1.3.1) <i>Pessoa desconhecida</i>	Perceção de que a pessoa agressora pode ou tende a não conhecer a vítima.	“ <i>É assim, na minha opinião, acho que (3) acontece com pessoas desconhecidas, mais do que com pessoas conhecidas (...)</i> ”	4	13
(2.1.3.2) <i>Pessoa conhecida ou amiga</i>	Perceção de que a pessoa agressora pode ou tende a ser uma pessoa conhecida ou amiga.	“ <i>E isso é o que as... Qualquer mulher tem medo, qualquer pessoa ao teu redor, os teus amigos, a tua família, pode ser qualquer pessoa.</i> ”	3	16
(2.1.4) <u>Racialização da violência</u>	Associação da violência de género a determinados grupos raciais e étnicos marginalizados.	“ <i>Mas, segundo a SIC notícias,((risos)) as últimas notícias é só isso ,>um homem do [país sul-asiático] fez isto<, >outro fez outro sítio<, ah:::,e de facto, quem só lê aquilo, acha que::: eles são todos assim.</i> ”	4	37

(2.1.5) <u>Percepção de titularidade</u>	Percepção de que a pessoa agressora tende a ter uma percepção de titularidade superior à de outras pessoas.	<i>“Eu sinto que, por uma questão da normalização da heterossexualidade, as pessoas sentem-se extremamente entitled, principalmente a female-presenting bodies.”</i>	4	30
(2.1.6) <u>Impunidade face a consequências formais</u>	Percepção de que as pessoas agressoras não terão consequências formais face à violência de género, ou que essas consequências não serão adequadas.	<i>“Vais à polícia e reportas um caso de violência sexual e ficam ‘(risos) O que é que me importa?’ ”</i>	4	23
(2.1.7) <u>Distinção entre a pessoa agressora malvada ou acidental</u>	Percepção de que existe uma distinção, tanto ao nível de gravidade quanto culpa que deve ser atribuída à pessoa agressora, consoante a presença ou não de intenção de perpetração de violência consciente.	<i>“Sim, mas lá está, eu acho que é... Umm... Como é que eu digo isto? Eu acho que eles não fazem, tipo... Pelo menos, eu acho, que não fazem do ponto de vista malvado. É um bocado só... uma mulher.”</i>	4	25
(2.1.8) <u>Justificação da perpetração pelo consumo de SPA</u>	Percepção de que a pessoa agressora pode (parcialmente) ter tido comportamentos violentos devido ao seu consumo prévio de substâncias psicoativas, em especial o álcool.	<i>“Não, eu acho que, acho que homens bêbados ficam mais agressivos.”</i>	3	19
(2.2) <u>Perfil da pessoa vítima</u>	Características (e.g., de identidade, carácter, personalidade) associadas à imagem de uma pessoa vítima de VG.		4	88

(2.2.1) <u>Identidade de género feminina e queer</u>	Associação da pessoa vítima com uma identidade e género femininos, em especial mulheres.	<i>“Mas é interessante como metem a mulher ali, ou seja, nunca na vida metiam um homem assim. Eu, eu disse logo mulher, mas na verdade diz vítima.”</i>	4	26
(2.2.2) <u>Expressão visual feminina</u>	Associação da pessoa vítima com um aspeto feminino (e.g., escolhas estéticas como utilizar roupa tradicionalmente feminina)	<i>“Ou pessoas com um estilo mais feminino, pelo menos interpreto porque eu sempre tive um estilo mais masculino que outros amigos, e principalmente amigas mais femininas sofriam constantemente muito mais.”</i>	4	24
(2.2.3) <u>Consumo de SPA como promotor da vitimação</u>	Perceção de que a pessoa vítima tem mais probabilidade de o ser após o consumo de substâncias psicoativas, quer seja autodeterminado ou através de submissão química.	<i>“É claro que depende do contexto em questão de festivais é capaz de ser diferente, porque é mais pessoas desconhecidas, uma pessoa está drogada, está minada e uma pessoa aproveita-se.”</i>	4	38
(2.3) <u>Ambiente confuso e de desinibição</u>	Perceção de que o ambiente confuso (i.e., luzes intensas, música alta, sobrelotação) e desinibitório criado em ALN pode facilitar a perpetração de VG.	<i>“Principalmente em discotecas, onde é tudo muito, toda a gente muito junta. É muito fácil escapar e <por a mão ali, pôr a mão aqui>, se alguma coisa na bebida:::, agarrar... “</i>	4	16

<p>(2.4) Aprendizagens sociais promotoras da manutenção de VG em ALN</p>	<p>Aprendizagens compreendidas como promotoras ou de manutenção da violência de género em ALN.</p>		<p>4</p>	<p>95</p>
<p>(2.4.1) <u>Normalização e silenciamento da violência sexual</u></p>	<p>Perceção de que a violência sexual e de género é trivializada e normalizada, especialmente em ALN, e de que existe uma tendência social e cultural de silêncio face à violência.</p>	<p><i>“Sim, não se aprende tanto. [M: Que é errado, que é uma coisa errada?] Que a cena sexual é tão errado, é só uma coisa que ‘ah... não faças...’, mas, se fizeres... [M: Meio trivial, não é?]”</i></p>	<p>4</p>	<p>50</p>
<p>(2.4.2) <u>Mitos da violação e consumo de SPA</u></p>	<p>Crenças sobre a violação que centralizam mitos não corroborados por dados sobre a frequência de submissão química sub-reptícia e utilização de substâncias específicas para tal (ou percecionadas como criadas especificamente para a violação).</p>	<p><i>“Mas essa-, essa droga foi feita especialmente para violação. Essa é a parte que assusta. Ela, tipo, não faz com que tu adormeças nem nada. Ela causa ah::: fraqueza e perda de Memória no dia a seguir para não te lembrares de quem fez isso.”</i></p>	<p>4</p>	<p>45</p>
<p>(3) <u>Impacto psicológico da violência de género em Ambientes de Lazer Noturno</u></p>	<p>Impacto no bem-estar, saúde psicológica e aproveitamento seguro e prazeroso de ALN, de experiências, antecipação e ameaça de violência de género.</p>		<p>4</p>	<p>152</p>

<p>(3.1) Hipervigilância e antecipação da violência</p>	<p>A percepção de vulnerabilidade à VG exige uma vigilância elevada do ambiente, do próprio comportamento e do consumo de SPA, em qualquer contexto percebido como inseguro (e.g., ALN, isolamento); e preparação mental em antecipação da violência.</p>	<p><i>“Eu sempre vou muito protegida, eu nunca levo facas nem nada, mas é protegida no sentido de sempre vou preparada para uma cena assim, entendes? (...) Eu tenho uma vizinha sóbria, eu posso estar toda fodida. Mas eu tenho uma vizinha sóbria atrás do meu cérebro ‘Anda direito! Anda para o lado! Anda para a esquerda!’”</i></p>	<p>4</p>	<p>21</p>
<p>(3.2) Comportamentos autoprotetores</p>	<p>Adoção de comportamentos de autoproteção face à VG antecipada especificamente em pessoas socializadas como mulheres e pessoas LGBT+.</p>	<p><i>“Eu é bué engraçado, porque, sendo socializado como um homem, eu olho para a minha vida, nunca me preocupei com isto como um problema para mim (...) E é muito interessante, porque há mesmo uma diferença de quem é que se tem de preocupar com morrer à noite e quem não.”</i></p>	<p>4</p>	<p>74</p>
<p>(3.2.1) <u>Autoproteção no consumo</u></p>	<p>Controlo da quantidade e frequência do consumo de SPA pela vulnerabilidade percebida que este acarreta, ou consumo de SPA para aumentar a sensação de segurança.</p>	<p><i>“[Não], eu sou bué, sou bué cuidadosa do tipo, eu sei que se comer menos não posso beber tanto, então e se beber, sei que vou ficar muito mais rápido, então eu consigo. E-, eu costumo beber sempre ok, para o que eu bebi para o que eu comi.”</i></p>	<p>4</p>	<p>40</p>

(3.2.2) <u>Procura de ALN seguros e inclusivos</u>	Perceção de que ALN frequentados por mulheres, pessoas LGBT+ e de idades semelhantes são ambientes mais seguros contra a VG; e procura intencional deste tipo de espaço.	<i>“Há contextos que também, nomeadamente em bares no Porto, em que se calhar há uma presença maior da comunidade LGBT. As pessoas estão mais confortáveis e se calhar já é mais normativo haver mais pessoas da comunidade.”</i>	4	18
(3.2.3) <u>Proteção entre amigos ou grupos</u>	Perceção e sensação de que a integração e proximidade com um grupo de pessoas, em especial conhecidas ou amigas, haverá uma maior proteção e segurança contra a VG.	<i>“É sempre não andar sozinha. Quando estou sozinha por alguma razão, é sempre estar ao telemóvel com alguém, ou fingir...ou as vezes eu::: fico perto de grupos de pessoas [grandes], quase para parecer que estou com eles.”</i>	3	15
(3.3) <u>Incorporação do medo e insegurança</u>	Internalização do medo generalizado de VG, em específico o medo de violação, acompanhado de uma sensação de ameaça permanente.	<i>“Sentimos sempre inseguros, sentimos aquele medo, mesmo estando sozinha num sítio onde tenha muita gente...”</i>	4	57
(4) <u>Prioridades para prevenção e intervenção em Violência de Género em ALN</u>	Prioridades de necessidades e práticas para prevenção e intervenção na VG em ALN consideradas centrais ou relevantes.		4	200

(4.1) Intervenção sistémica	Perceção de que a VG tem, na sua base, crenças socialmente aprendidas que a promovem ou fazem a sua manutenção.		4	49
(4.1.1) Contexto mediático	Aprendizagem de crenças e estereótipos relativamente à VG, como mitos da violação e racialização da violência, especificamente através de média de entretenimento (e.g., séries) e informativa (e.g., jornalismo noticiário).	<i>“Ela não chegou a ser, mas estava quase, mas eu lembro-me nos morangos que alertarem, para isso, de uma forma à morangos, para ter cuidado com as bebidas e depois tinha os [pais (incompreensível)]”</i>	3	24
(4.1.2) Contexto cultural	Aprendizagem de estereótipos de género sexistas, de normalização e silenciamento da violência através do contexto sociocultural nacional.	<i>“Nós somos países altamente violentos. Portugal é um país, uh, diz-se que Portugal é dos países mais seguros do mundo - eu acho que Portugal é dos países mais calados do mundo! Não se reporta nada.”</i>	3	13
(4.1.3) Contexto familiar	Aprendizagem de estereótipos de género sexistas, incorporação do medo da violação, mitos da violação e normalização da violência no meio familiar.	<i>“Acho que há muitas coisas que as mulheres, quando começam a sair; nem ser capaz, discotecas e bares começam logo a:::, (...) a primeira coisa que os pais dizem(3) é logo < ‘cuidado com as bebidas. Cuidado, como te vestes, nunca andes sozinha’ >, quando com os rapazes, é</i>	2	12

		<i>só tipo, 'não bebas muito' e prontos para sair.”</i>		
(4.2) Inclusão de material de sensibilização	Perceção de que materiais de sensibilização são relevantes, apesar de insuficientes enquanto medida isolada de prevenção e resposta a VG.	<i>“Mas já é um passo na direção certa. Agora se fazia alguma coisa? Não, eu acho que todo todos os sítios supostamente são::: zero tolerance, supostamente todos são. Agora podes um cartaz lá a dizer para (3) depois ires falar com alguém do staff a dizer que aconteceu alguma coisa, é tipo isso [já é -]”</i>	4	42
(4.3) Treino de staff de ALN e protocolos de prevenção e resposta a VG	Perceção de que implementação protocolos de resposta adequada a VG e de treino de staff de ALN para tal (e.g., que facilitam a denúncia ou fornecem segurança imediata à pessoa vítima) são essenciais para o combate à VG em ALN.	<i>“Sim, formação ao staff , de qualquer tipo de situação onde alguém possa estar em perigo.”</i>	4	31
(4.4) Espaços seguros e atrativos para mulheres e pessoas LGBT+	Perceção de que, para o combate eficaz da VG em ALN, é necessário não só criar espaços seguros para mulheres e pessoas LGBT+, mas também promover intencionalmente a sua representação em espaços de lazer, sem que isso implique a sua objetificação e sexualização.	<i>“E a questão dos preços, eu punha preços igualitários para homens ou mulheres.”</i>	4	41

(4.5) Direcionamento de medidas à pessoa agressora	Perceção de que as medidas de prevenção e resposta a VG devem ser descentralizadas da pessoa vítima, e direcionadas para as pessoas agressoras.	<i>“Eu::: não concordo, porque eu acho que::: alertar não deve ser alertar a vítima, é ensinar (3) a quem faz, não acho que concorde.”</i>	3	19
(4.6) Intervenção bystander	Perceção de que a intervenção por parte de terceiros poderia ter um impacto significativo na prevenção, interrupção e combate à VG.	<i>“Basta um comentário, às vezes. E as pessoas não dizem nada, ficam só caladas, por medo.”</i>	3	18

Anexo 6. Imagens para elicitación utilizadas nos *Focus Groups*



Fig. 6.1



Fig. 6.2



Fig. 6.3

“Atribuir a culpa das violações no festival sueco aos imigrantes não é apenas errado – é perigoso.”

Titulo de uma notícia da comunicação social

Fig. 6.4

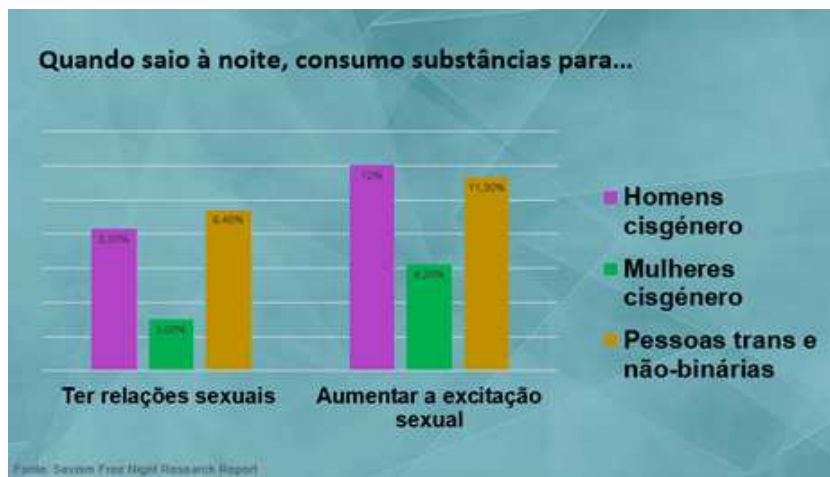


Fig. 6.5

“Mulheres, álcool e disponibilidade sexual percebida»

Um novo estudo indica que as mulheres que bebem álcool em contextos sociais são vistas como mais “sexualmente disponíveis” e “menos humanas”

Título de uma notícia de comunicação social

Fig.6.6



Fig. 6.7

Uma em cada três violações reportadas ocorrem quando a vítima esteve a beber

Fig. 6.8

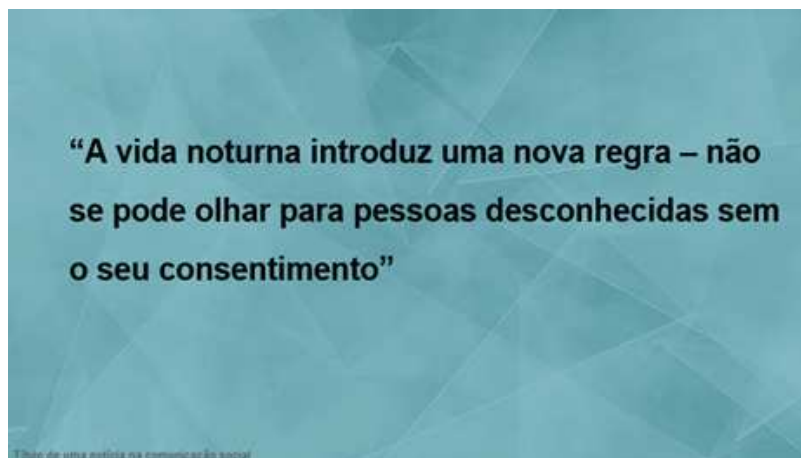


Fig. 6.9

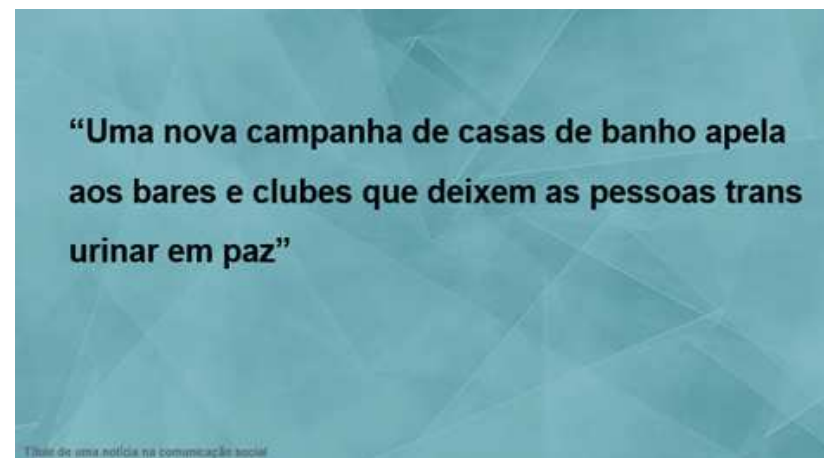


Fig. 6.10



Fig. 6.11